



Periodicidade trimestral  
janeiro - março 2026

# INDÚSTRIA PORTUGUESA

MOTOR DA ECONOMIA

Edição n.º 5 • 4€



DOSSIÊ ESPECIAL

## Indústria Portuguesa em 2026 Desafios, Inovação e Crescimento

### INDÚSTRIA COM HISTÓRIA

*STET e ICC celebram  
percurso*

### RELACRE

*A competência técnica  
dos laboratórios*

### PROPRIEDADE INDUSTRIAL

*IA transforma o ecossistema*

FAZEMOS  
A INDÚSTRIA  
ACONTECER!



**CENFIM**

CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL  
DA INDÚSTRIA METALÚRGICA  
E METALOMECÂNICA

**JOVENS, ADULTOS  
e EMPRESAS**

Construções Mecânicas  
Construções Metálicas  
Soldadura  
Projeto/Desenho (CAD)  
Fabrico Assistido por  
Computador (CNC/CAM)  
Eletricidade e Eletrónica  
Mecatrónica  
Robótica (Colaborativa e Móvel)  
Aeronáutica  
Fabricação Aditiva  
Manutenção e Automação Industrial  
Área de Gás  
Energias Renováveis  
Energia  
Qualidade, Ambiente e Segurança  
Administrativo, Comercial e Marketing



[cenfim.pt](http://cenfim.pt)

**218 610 150\***  
[dir@cenfim.pt](mailto:dir@cenfim.pt)

\*chamada para a rede fixa nacional



Financiado pela  
União Europeia  
NextGenerationEU

**PRODUTECH RE**  
recuperação-resiliência-reindustrialização

Tecnologias de Produção  
para a Reindustrialização



**Miguel Boavida**  
DIRETOR EDITORIAL

# Reinventar para competir

*Portugal já avançou em domínios como a digitalização de serviços, a Administração Pública ou as plataformas de consumo, mas o chão de fábrica da indústria transformadora continua, em largas franjas, a operar com lógicas do século XX.*

A indústria portuguesa encontra-se num ponto de viragem decisivo. Num mundo marcado por rápidas transformações tecnológicas, tensões geopolíticas e exigências ambientais cada vez mais rigorosas, Portugal é chamado a resistir e a afirmar a sua capacidade de reinvenção.

Historicamente a indústria nacional granjeou algumas vitórias, destacando-se pela qualidade, flexibilidade e vocação exportadora. Setores como o têxtil, o calçado, a metalomecânica ou o agroalimentar provaram que uma economia de menor dimensão pode competir à escala global, mas o contexto atual exige mais do que eficiência e requer visão estratégica, investimento contínuo e uma aposta clara na diferenciação.

Adversidades como a Tempestade Kristin ou a crise no Médio Oriente vieram acicatar esta instabilidade e contribuem para o aumento dos custos energéticos e da inflação, pressionando ainda mais a economia portuguesa.

O País está numa encruzilhada que não admite hesitações. A indústria nacional, ancorada nos setores de mão de obra intensiva e em vantagens competitivas que o tempo foi corroendo, confronta-se hoje, além das crises momentâneas, com uma pressão convergente raramente vista, decorrente da aceleração da transição energética, da reconfiguração das cadeias de valor globais e de uma concorrência europeia cada vez mais exigente em matéria de inovação e sustentabilidade.

Reforça-se que reinventar deixou de ser uma opção estratégica e tornou-se uma condição de sobrevivência, significando integrar tecnologia de ponta nos processos produtivos, desde a automação à inteligência artificial, sem perder o saber-fazer que distingue os produtos portugueses. Significa também investir

nas pessoas, na qualificação, na retenção de talento e na criação de empregos de maior valor acrescentado.

Competir em 2026 implica também superar algumas das nossas fragilidades estruturais, como a burocracia, a dependência externa em matérias-primas e energia e a necessidade de maior escala empresarial. O papel das políticas públicas e do ecossistema de inovação é determinante para criar condições para que as empresas cresçam, cooperem e internacionalizem.

Portugal já avançou em domínios como a digitalização de serviços, a Administração Pública ou as plataformas de consumo, mas o chão de fábrica da indústria transformadora continua, em largas franjas, a operar com lógicas do século XX.

A adoção de tecnologias de Indústria 4.0, como a automação flexível, a inteligência artificial aplicada à produção, os gémeos digitais ou a manutenção preditiva, é ainda marginal nas PME industriais, que representam a espinha dorsal do tecido produtivo nacional. Sem uma estratégia séria e financiada de digitalização industrial, o fosso face aos concorrentes europeus não vai diminuir.

Portugal tem o que precisa para reinventar a sua indústria. Tem recursos naturais, localização, uma base tecnológica emergente e acesso a financiamento europeu sem precedentes. Talvez lhe falte a convicção e a organização coletiva para começar a mudar.

Este foi o mote que nos levou ao encontro de alguns dos mais relevantes representantes da indústria portuguesa. Nesta edição, damos conta dos seus anseios e expectativas face ao desempenho económico do país. //



DOSSIÊ ESPECIAL 28

- 6 FACTOS & NÚMEROS**
- Atualidade nos setores industriais
- 9 OPINIÃO**
- O mercado do trabalho depois dos 55
- 10 INDÚSTRIA DA MADEIRA E DO MOBILIÁRIO**
- Reforçar a capacidade exportadora
- 12 CERTIFICAÇÃO**
- O pilar da competência/credibilidade
  - Promover a qualidade, a certificação e a normalização
- 16 INDÚSTRIA COM HISTÓRIA**
- STET: 65 anos a construir o futuro
  - ICC: 40 anos na inovação no calçado profissional
  - 60 Anos ISQ
- 22 PATENTES**
- Inteligência Artificial: Um marco transformador
  - A inovação portuguesa está a conquistar o mundo
- 26 EMPREGO & FORMAÇÃO**
- 28 ESPECIAL**
- Indústria Portuguesa em 2026
- 44 EMPRESAS & NEGÓCIOS**
- Benefícios extrassalariais na indústria

## ESTATUTO EDITORIAL

• A Revista "INDÚSTRIA PORTUGUESA – Motor da Economia" pauta a sua conduta editorial pelo rigor da informação e pela liberdade de opinião dos artigos que publica;

• A Revista "INDÚSTRIA PORTUGUESA – Motor da Economia" zela pelo cumprimento rigoroso das normas éticas e deontológicas do jornalismo;

• A Revista "INDÚSTRIA PORTUGUESA – Motor da Economia" é uma publicação independente e visa contribuir para a disseminação de conhecimento e como fator de agregação e motivação dos setores empresariais portugueses;

• A Revista "INDÚSTRIA PORTUGUESA – Motor da Economia" tem como principais objetivos a divulgação das melhores práticas e conhecimentos de gestão, de novos projetos, de opiniões e de debate das grandes questões do setor industrial português;

• A Revista "INDÚSTRIA PORTUGUESA – Motor da Economia" visa manter vivos os valores das empresas que operam em Portugal e de divulgar o trabalho continuado dos operadores dos vários setores, em domínios como a gestão, a inovação, as políticas públicas, o ensino e formação, a investigação e os recursos humanos.



# INDÚSTRIA PORTUGUESA

## MOTOR DA ECONOMIA



## PROPRIEDADE

**Bleed - Sociedade Editorial e Organização de Eventos, Unipessoal, Lda**  
NIPC: 506768988

**Sede do Editor, Administração e Redação**  
Av. das Forças Armadas n.º 4 - 8.º B  
1600-082 Lisboa  
info@bleed.pt  
www.bleed.pt

**Administrador**  
Miguel Alberto Cardoso da Cruz Boavida

**Composição do Capital Social**  
100% Miguel Alberto Cardoso da Cruz Boavida

## FICHA TÉCNICA

Diretor: **Miguel Boavida**  
Redação: **Sofia Borges, David Fernandes**  
Editor Fotográfico: **Sérgio Saavedra**  
Diretor Comercial: **Mário Raposo**  
Design Gráfico e Paginação: **José Santos**  
Banco de Imagens: Getty Images

Registo ERC n.º **128090**  
Depósito Legal: **546485/25**

## PUBLICIDADE

Mário Raposo  
**217 957 045 / 965 464 843**  
mario.raposo@bleed.pt

## IMPRESSÃO

Jorge Fernandes, Lda  
Rua Quinta Conde de Mascarenhas n.º 9  
2820-652 Charneca de Caparica

**Periodicidade trimestral**  
**Tiragem: 12.500 exemplares**

The Edenred logo consists of a red circle with the word "Edenred" in white, sans-serif font inside it.

# Plataforma de Benefícios e Vantagens

Mais bem-estar, alegria e motivação no trabalho, com benefícios que melhoram a qualidade de vida.

Alimentação

Apoio infância

Saúde

Apoio sénior

Educação

Formação

Material escolar

Premiação

Programa de Descontos e Vantagens

A cluster of several 3D-rendered spheres in shades of pink and orange, each with a simple black smiley face. The faces have different expressions, from a simple curve to a wide, open-mouthed laugh.

Power up your  
**joie de vivre**

**Plataforma  
Gratuita\***

\*Sem custos por utilizador

## ABANCA REÚNE REGULADORES IBÉRICOS PARA ANALISAR O NOVO PARADIGMA FINANCEIRO

O Grupo ABANCA promoveu recentemente o V Encontro Finanças Sustentáveis, reunindo em Lisboa alguns dos principais reguladores financeiros da Península Ibérica para refletir sobre o impacto da instabilidade geopolítica e da inteligência artificial no futuro da sustentabilidade e da estabilidade financeira.

Sob o tema “Perante os desafios da geopolítica e da inteligência artificial: uma visão ibérica”, o encontro colocou no centro da discussão a necessidade de reforçar a cooperação entre Portugal e Espanha num contexto internacional marcado por fragmentação económica, transformação tecnológica acelerada e crescente exigência regulatória.

Na sessão de abertura, o presidente do ABANCA, Juan Carlos Escotet Rodríguez, sublinhou que a sustentabilidade deixou de ser um eixo complementar para constituir um fator estrutural de competitividade e destacou que “aprofundar o caminho rumo à sustentabilidade obriga-nos a considerar que a contribuição das organizações para a sociedade é cada vez mais relevante, mais necessária, mais estratégica e de maior projeção temporal”, deixando um apelo à responsabilidade a longo prazo



e lembrando que “os deveres das organizações para com o mundo do qual somos parte essencial não diminuirão, mas tenderão a aumentar”. O evento debateu um conjunto alargado de temas relevantes, como os riscos geopolíticos emergentes e a forma como a Europa pode compatibilizar a agenda da sustentabilidade ambiental com o reforço da competitividade industrial de forma a garantir a segurança energética; o papel do setor bancário no financiamento da dupla transição digital e energética, no reforço da autonomia estratégica e da competitividade europeia; e o papel dos mercados de capitais

no financiamento da transição. No encerramento do Encontro, Pedro Pimenta, presidente da Comissão Executiva do ABANCA Portugal, resumiu o contributo da banca no panorama económico atual, destacando que, “quando falamos de finanças sustentáveis, já não falamos apenas de critérios ESG, de reporte regulatório ou de boas práticas reputacionais. Falamos, acima de tudo, da capacidade do sistema financeiro financiar o futuro da economia, garantindo crescimento, resiliência e estabilidade num contexto de riscos emergentes e profunda transformação”.

## CIN DESCARBONIZA



A CIN, operador ibérico do setor de tintas e vernizes, avançou na sua estratégia de sustentabilidade e eficiência energética ao instalar 1 152 painéis solares na sua filial CIN Govesan S.L.U, em Espanha. A instalação fotovoltaica de autoconsumo tem uma potência de 633,60 kW, o que reforça o compromisso do Grupo CIN com as energias renováveis e com a redução do impacto ambiental da sua atividade.

Com um investimento total de quase 378 mil euros, a empresa estava que vá gerar benefícios ambientais consideráveis, com uma poupança prevista de 2 998 649 kg de CO<sub>2</sub>, equivalente a 141 612 182 km percorridos por um carro elétrico e ao sequestro de carbono proporcionado pela plantação de 11 995 árvores, contribuindo ativamente para os objetivos de descarbonização e transição energética a nível europeu.

## FÓRUM PORTUGAL NAÇÃO GLOBAL

A Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas e a Fundação AEP anunciaram a realização da primeira edição do “Portugal Nação Global”, um evento que decorrerá nos próximos dias 29 e 30 de abril no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, e que tem como objetivo afirmar a diáspora como ativo estratégico para o desenvolvimento económico do país, funcionando como um mercado de oportunidades territoriais com foco em investimento, parcerias e internacionalização.

Mais do que um evento institucional, o “Portugal Nação Global” assume-se como uma plataforma intergovernamental, com uma articulação multinível entre governo da república, governos das regiões autónomas, áreas metropolitanas, comunidades intermunicipais e municípios, concebida para ligar empresários da diáspora, investidores internacionais, PME nacionais em processo de internacionalização e territórios com políticas ativas de captação de investimento.

São esperados cerca de 180 empresários da diáspora de mais de 40 países, bem como cerca de 150 empresários nacionais em processo de internacionalização, prevendo-se ainda a participação de cerca de 50 câmaras de comércio e mais de 20 entidades supramunicipais.

O Portugal Nação Global tem como parceiro estratégico o Banco Português de Fomento que, atendendo à missão e ao seu papel determinante na capitalização das empresas e mobilização de investimento, será catalisador de projetos com impacto económico.



## GRUPO TRANSFOR REFORÇA APOSTA NO SETOR INDUSTRIAL

A Transfor Group, empresa da recém-lançada CORA, concluiu a aquisição da Gotflow, uma carpintaria industrial localizada na zona de Sintra, reforçando a estratégia de investimento do grupo em setores de elevado potencial ao longo da cadeia de valor da construção. A operação foi liderada pela Restart Capital, que voltou a evidenciar o seu papel estratégico na identificação e execução de oportunidades de investimento alinhadas com as prioridades da Arrow Global Portugal, reforçando a capacidade do Grupo Transfor para responder de forma integrada às necessidades do mercado ao longo da cadeia de valor da construção.

A transação ocorreu através da Transfor Indústria (braço industrial do grupo Transfor), que adquiriu 100% do capital da empresa. A integração da Gotflow na Transfor Indústria permitirá reforçar a capacidade produtiva do grupo na carpintaria industrial, funcionando como um hub estratégico na região de Lisboa, aprofundando o know-how especializado e reforçando a capacidade operacional e proximida-



de aos clientes na área da Grande Lisboa.

“Para a Transfor, esta integração representa uma aposta estratégica, tornando-se mais competitiva e especializada como empresa dedicada à execução de projetos de turnkey. Desta forma lançam-se as bases para a criação de um novo projeto de referência nacional na área da carpintaria, um sector de elevada exigência técnica e fator cada vez mais diferenciador na cadeia de valor da construção.”, sublinha Tiago Marto, CEO do grupo Transfor.

## LOGICOR INAUGURA CANELAS PARK

A Logicor assinalou a abertura oficial do seu mais recente ativo logístico: o Canelas Park, localizado em Vila Nova de Gaia. Demonstrando a elevada procura por espaços logísticos de qualidade na região, uma das quatro frações do Parque já se encontrava pré-arrendada antes da conclusão a uma empresa internacional especializada em serviços de vidro automóvel. As restantes três unidades modernas

estão agora disponíveis para ocupação.

André Machado, Senior Director – Country Lead da Logicor Portugal, afirmou: “Na cintura logística do Porto, a dinâmica é forte — e os ocupantes estão a elevar a fasquia no que toca ao desempenho, eficiência e ESG. O Canelas Park foi concebido para ajudar os operadores a iniciarem as suas atividades rapidamente

e a crescerem com confiança, com layouts eficientes, dimensões de frações flexíveis e características de sustentabilidade que apoiam cada vez mais as decisões de contratação. Com três unidades disponíveis hoje, as empresas podem assegurar uma base moderna para a distribuição regional e de last-mile no Norte de Portugal — pronta a operar desde o primeiro dia.”

**PORTOS DE LISBOA E SETÚBAL LANÇAM LABORATÓRIO DE INOVAÇÃO****Porto de Lisboa****Porto de Setúbal**

Os Portos de Lisboa e Setúbal acabam de lançar o "PortLab LXSET", um novo projeto estratégico que se afirma como um laboratório de inovação e conhecimento aplicado ao setor portuário e logístico, enquadrado no projeto de âmbito nacional "Port Academy" e nos objetivos da estratégia Portos 5+. O "PortLab LXSET" nasce como um ponto de encontro regular da comunidade portuária, com o objetivo de ligar, ouvir e cocriar projetos comuns nas áreas da inovação, da sustentabilidade, da melhoria da eficiência operacional, das atividades logísticas e da ligação Porto-Cidade. O projeto está aberto à participação das comunidades portuárias dos Portos de Lisboa e Setúbal, bem como

de outros portos nacionais e de países de língua portuguesa, administrações portuárias, entidades ligadas ao setor, universidades, municípios, empresas e indústrias associadas à atividade portuária.

O "PortLab LXSET" estrutura-se em três eixos fundamentais:

Formação contínua, dirigida a profissionais do setor portuário e logístico; Inovação e partilha de soluções, orientadas para os desafios atuais e futuros da atividade portuária; Estratégia, promovendo o debate e a reflexão alinhados com as transformações globais da logística, da mobilidade e da transição energética.

Assumindo-se como uma plataforma dinâmica de inovação, formação e

reflexão estratégica, este laboratório promove a colaboração entre entidades públicas, privadas e académicas, com o objetivo de reforçar a competitividade, a sustentabilidade e a modernização dos portos portugueses, posicionando os Portos de Lisboa e Setúbal como referências a nível europeu.

Assente nos princípios da inovação, colaboração, sustentabilidade, rigor e agilidade, o "PortLab LXSET" pretende estimular a adoção de soluções disruptivas, fomentar a partilha de conhecimento e promover o alinhamento com as principais tendências globais do setor marítimo-portuário e logístico, nomeadamente a digitalização, a transição energética, a intermodalidade e a modernização das infraestruturas.

Este novo projeto traduz o compromisso dos Portos de Lisboa e Setúbal com uma visão de futuro partilhada, integrada e colaborativa, reforçando o papel do sistema portuário nacional como motor de desenvolvimento económico, inovação e sustentabilidade, em plena consonância com os eixos estratégicos do Portos 5+.

**REFORÇO DA SOBERANIA DOS PAGAMENTOS NA EUROPA**

A SIBS, o Bancomat, a Bizum, e a Vipps MobilePay (membros da European Payments Alliance - EuroPA) e a EPI Company (EPI) anunciam recentemente a assinatura de um Memorando de Entendimento (MoU), dando um passo decisivo no reforço da soberania dos pagamentos na Europa. A cooperação reúne as principais soluções de pagamento europeias, com a ambição comum de permitir pagamentos transfronteiriços em toda a Europa até 2027.

Este MoU representa um marco significativo para a autonomia estratégica da Europa no setor de pagamentos. Numa altura em que a Europa é altamente dependente de intervenientes não europeus, esta iniciativa, liderada pelo setor, demonstra que os bancos e prestadores de serviços de pagamento europeus dispõem tanto da infraestrutura como da escala necessárias para oferecer, de forma ágil e rápida, uma alternativa concreta. A cooperação baseia-se no sucesso das soluções existentes, ligando-as através de um hub central, para proporcionar uma experiência verdadeiramente pan-europeia para os pagamentos transfronteiriços.

A cooperação reúne soluções que, atualmente, servem cerca de 130 milhões de utilizadores, gerando mais valias tanto para consumidores como para os comerciantes que operam além-fronteiras. No lançamento, a iniciativa abrangerá 13



países europeus, atingindo coletivamente cerca de 72% da população da União Europeia e da Noruega. A coligação está aberta a todos os países europeus, incluindo a Suíça e outros mercados fora da zona euro. Os países que já implementaram soluções domésticas poderão aderir diretamente, enquanto aqueles sem uma solução doméstica que tenham interesse em participar, poderão implementar uma das soluções já disponíveis no âmbito da iniciativa. A assinatura deste MoU confirma a conclusão bem-sucedida da fase de viabilidade passando agora as soluções para a fase seguinte do projeto.

# O mercado de trabalho depois dos 55:

## Um ativo estratégico que Portugal ainda subestima



**Teresa Fernandes**  
NATIONAL SENIOR MANAGER DE RECRUTAMENTO  
E SELEÇÃO ESPECIALIZADA DO CLAN

**Portugal está a envelhecer**, mas continua a agir como se não estivesse. Neste contexto, a participação dos profissionais com mais de 55 anos no mercado de trabalho não pode ser tratada como uma questão periférica. É, na verdade, um tema central para a competitividade económica, para a sustentabilidade da Segurança Social e para o futuro da indústria nacional.

Sendo certo que a taxa de atividade acima dos 55 anos tem vindo a crescer, isso não se deve a uma visão estratégica coletiva, mas antes graças a necessidades financeiras, alterações na idade legal da reforma e pela pressão sobre os rendimentos das famílias. No entanto, a mudança cultural das organizações não tem acompanhado esse ritmo de crescimento.

Algumas empresas têm tendência a acreditar que um colaborador com mais de 55 anos terá maiores dificuldades de adaptação e acompanhamento do ritmo de produtividade do mercado de trabalho atual, esquecendo-se que a maturidade agrega um conjunto de conhecimentos e experiências que ajudam a melhorar competências e que contribuem de forma significativa para melhores ambientes de trabalho.

Na indústria, na engenharia, na logística e na manutenção, por exemplo, os profissionais com mais de 55 anos representam muito mais do que força de trabalho. São também memória técnica, cultura operacional e capacidade crítica. Em contexto industrial, onde as decisões erradas têm impacto direto em segurança, qualidade e custos, a experiência não é um detalhe, mas antes uma variável económica importante dentro da organização. A saída prematura destes profissionais significa, muitas vezes, perda de know-how que não está documentado em manuais nem replicado em softwares.

Apesar disso, continuamos a assistir a processos de recrutamento onde a idade é um critério implícito de exclusão, graças a um preconceito baseado na faixa etária



dos candidatos que raramente é assumido. Para o justificar, ainda que de forma velada, argumenta-se com a falta de adaptabilidade digital ou o custo salarial mais elevado. No entanto, a realidade demonstra que a capacidade de aprendizagem não termina aos 55 anos, mas sim quando as organizações deixam de investir.

Num momento em que os setores industriais enfrentam uma escassez crónica de talento técnico, ignorar profissionais experientes é economicamente incoerente. A substituição sistemática por perfis mais juniores pode reduzir custos imediatos, mas aumenta riscos operacionais, prolonga curvas de aprendizagem e fragiliza a transferência de conhecimento. Perante a pressão sobre margens e eficiência operacional, perder conhecimento crítico é um risco estratégico que poucos conselhos de administração analisam com a devida profundidade.

Do ponto de vista macroeconómico o impacto é igualmente claro. Manter profissionais seniores no ativo significa reforçar a base contributiva, aliviar pressão sobre o sistema de pensões e sustentar o consumo interno. Num país com desafios estruturais de produtividade, cada profissional qualificado que permaneça ativo representa valor acrescentado real.

Importa, no entanto, sublinhar que prolongar carreiras não é apenas uma questão de subida da idade legal da reforma. Exige, igualmente, um certo redesenho organizacional que passa por modelos de trabalho mais flexíveis, funções de mentoria formalizadas, programas de upskilling

direcionados e políticas internas que valorizem equipas intergeracionais. Empresas que combinam juventude e experiência tendem a ser mais resilientes, mais inovadoras e operacionalmente mais estáveis. As empresas que estruturarem hoje políticas claras de gestão intergeracional estarão, amanhã, melhor preparadas para enfrentar a escassez de talento.

A formação ao longo da vida deixa, assim, de ser um conceito abstrato para se tornar num imperativo estratégico. Processos como a digitalização industrial e a automação exigem atualização constante, independentemente da idade. No fundo, o verdadeiro risco não está na idade do colaborador, mas na estagnação das suas competências.

O debate sobre o mercado de trabalho depois dos 55 anos não deve centrar-se na capacidade de permanência, mas na oportunidade de valorização. Portugal não pode continuar a desperdiçar capital humano qualificado numa fase em que a demografia impõe pragmatismo e em que a sustentabilidade económica do país dependerá menos da substituição geracional acelerada e mais da capacidade de integrar talento ao longo de todo o ciclo de vida profissional.

A longevidade deixou de ser uma variável demográfica e passou a ser uma variável de gestão. Num cenário de envelhecimento estrutural, a competitividade nacional constrói-se com tecnologia, mas também com experiência. Essa experiência não é um custo. É um ativo estratégico que Portugal ainda subestima. //

# Reforçar a capacidade exportadora com diversificação de mercados

A Indústria da Madeira e do Mobiliário portuguesa entrou em 2026 com sinais claros de resiliência e maturidade estratégica, apesar do ligeiro decréscimo da exportações que ficaram abaixo do 3.000 milhões. O setor tem demonstrado capacidade de adaptação num contexto marcado por inflação, custos energéticos elevados e instabilidade logística. Contudo, alguns riscos de instabilidade económica mantêm-se com algum agravamento, nomeadamente a desaceleração económica em alguns mercados europeus, a pressão regulatória crescente, a incerteza da política económica dos Estados Unidos e todo o quadro regulamentar em matéria ambiental, e a necessidade de reforçar margens num ambiente competitivo cada vez mais exigente.

Para sustentar o crescimento de um país de pequena escala como Portugal, o caminho é claro: reforçar a capacidade exportadora com diversificação de mercados, apostar em produtos de maior valor acrescentado e inovação digital. A internacionalização deixou de ser uma opção e tornou-se um eixo estruturante para o crescimento das empresas. É neste contexto que o projeto INTER WOOD & FURNITURE 2025-2027 assume um papel

central, promovendo a entrada em novos destinos estratégicos, o acesso a feiras internacionais de elevado retorno e o contacto com compradores qualificados, reduzindo custos e riscos para as PME.

O setor tem hoje uma proposta de valor clara: design diferenciado, qualidade de produção, sustentabilidade e flexibilidade da oferta, larga ou pequena escala. Portugal posiciona-se de forma competitiva nos principais clusters europeus, mas precisa de continuar a investir na consolidação da marca coletiva e na promoção internacional estruturada.

Para a AIMMP a aposta nas pessoas é também muito determinante, sobretudo uma aposta na qualificação dos Recursos Humanos e um trabalho importante sobre o talento, em particular o talento jovem. Portugal não pode desperdiçar talento! É fundamental atrair jovens para a indústria, valorizar competências técnicas e reforçar a formação em áreas como design, engenharia industrial e a digitalização. A competitividade constrói-se com conhecimento e capacidade de execução.

A Inteligência Artificial surge como uma realidade incontornável. A sua utilização na otimização produtiva, na previsão de procura, na personalização de produto e



**Vítor Poças**  
PRESIDENTE DA AIMMP

sobretudo na criação de novos modelos de negócio terá um impacto sem precedentes e difícil de avaliar. Não se trata de substituir pessoas, mas de potenciar decisões e gerar processos mais inteligentes. O futuro do setor passa por crescer de forma sustentável, através da inovação, da digitalização e da promoção internacional estruturada. A internacionalização já é uma estratégia consolidada da fileira; o desafio agora é ganhar escala, reforçar valor acrescentado e afirmar Portugal como referência global na madeira e no mobiliário, algo que inequivocamente tem sido feito, mas que é impossível dizer que está concluído. Ambicionamos mais, acreditamos no Talento e na Indústria Nacional, é essa a missão da AIMMP – Associação das Indústrias de Madeira e Mobiliário de Portugal – e que diariamente exercemos com muito orgulho! //

# OS LABORATÓRIOS, A SEGURANÇA E A QUALIDADE DE VIDA

LABORATORIES, SAFETY  
AND QUALITY OF LIFE



## Eventos

*Events*



## Comissões Técnicas e Sectoriais

*Technical and Sectorial Committees*



## Ensaio de Aptidão

*Proficiency Testing*



## Assessoria Técnica e Auditorias

*Technical Assessment and Audits*



## Formação

*Training*



## Certificação de Pessoas

*Certification of Persons*

- **Técnicos de Ensaio Não Destrutivos**  
*Non-Destructive Testing Technicians*
- **Técnicos de Colheita de Amostras de Água de Consumo**  
*Drinking Water Sampling Technicians*



## EVIDENCIE AS COMPETÊNCIAS DOS SEUS RECURSOS HUMANOS

*EMPOWER THE SKILLS OF YOUR HUMAN RESOURCES*



[www.relacre.pt](http://www.relacre.pt) | [geral@relacre.pt](mailto:geral@relacre.pt)

# RELACRE: O Pilar da Competência

## Credibilidade e Inovação na Comunidade de Laboratórios de Portugal



**A RELACRE** – Associação de Laboratórios Acreditados de Portugal – desempenha, desde a sua fundação, em 9 de maio de 1991, um papel fundamental na consolidação, valorização e desenvolvimento técnico da comunidade de laboratórios de ensaio e de calibração em Portugal, contribuindo de forma decisiva para o fortalecimento da Infraestrutura Nacional da Qualidade.

Num contexto económico e tecnológico em que a confiança, a rastreabilidade metrológica e a credibilidade dos resultados técnicos são fatores determinantes para a competitividade das organizações e para a proteção dos consumidores, a RELACRE afirma-se como uma entidade de referência. A Associação atua como um verdadeiro catalisador de conhecimento, boas práticas e cooperação técnica,

apoando laboratórios, organismos de avaliação da conformidade e entidades públicas e privadas que dependem da fiabilidade das medições e ensaios.

O contributo da RELACRE traduz-se no reforço da competência técnica dos laboratórios, na promoção da qualidade e na valorização do reconhecimento nacional e internacional da atividade laboratorial portuguesa. Desta forma, a Associação contribui para aumentar a confiança nos resultados laboratoriais que sustentam decisões industriais, comerciais, regulamentares e científicas.

### **FORMAÇÃO ESPECIALIZADA: COMPETÊNCIAS AO SERVIÇO DA QUALIDADE**

Entre as atividades mais relevantes da RELACRE destaca-se a formação técnica especializada, amplamente reconhecida

pela sua qualidade, atualidade e pertinência para os diversos setores.

Os programas formativos abrangem áreas fundamentais para o funcionamento e a acreditação dos laboratórios, como a metrologia, a validação de métodos, a estimativa da incerteza de medição, as auditorias internas, os requisitos das normas de acreditação e os sistemas gestão da qualidade. Ao proporcionar formação prática e atualizada, alinhada com as normas internacionais e com as melhores práticas técnicas, a RELACRE contribui para a qualificação contínua dos profissionais do setor.

Esta aposta na capacitação técnica dos recursos humanos garante que os laboratórios portugueses dispõem de profissionais altamente qualificados, capazes de responder aos desafios da acreditação,

da certificação e da normalização num contexto global cada vez mais exigente.

### **A CERTIFICAÇÃO DE PESSOAS: VALORIZAÇÃO DO CAPITAL HUMANO E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO**

Num ambiente empresarial marcado pela crescente exigência de competências e pela necessidade de diferenciação, a certificação de pessoas assume um papel estratégico na valorização do capital humano e no crescimento sustentável das organizações.

Ao atestar formalmente as competências técnicas, comportamentais e éticas de um profissional, a certificação reforça a confiança do mercado, promove a transparência e contribui para a harmonização de práticas. Simultaneamente facilita a mobilidade laboral e reforça a competitividade internacional das organizações portuguesas.

Ao nível macroeconómico, a promoção da certificação de pessoas contribui para o aumento da produtividade, para a criação de emprego qualificado e para a consolidação de uma cultura de mérito e valorização do conhecimento técnico. Profissionais mais qualificados e reconhecidos traduzem-se em organizações mais robustas e numa economia mais competitiva.

Neste contexto, a certificação de pessoas constitui uma ferramenta essencial para promover a excelência profissional e para reforçar a credibilidade das atividades técnicas que sustentam a qualidade, a segurança e a inovação.

### **ENSAIOS DE APTIDÃO – INSTRUMENTOS PARA A AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DOS LABORATÓRIOS**

Outra área de grande relevância na atuação da RELACRE é a organização de Ensaios de Aptidão, considerados instrumentos essenciais para a avaliação externa da qualidade e para a demonstração contínua da competência dos laboratórios. Estes ensaios permitem aos laboratórios avaliar o seu desempenho, contribuindo para a verificação da exatidão das medições e para o reforço da comparabilidade e da consistência dos resultados laboratoriais.

Ao apoiar os laboratórios na identificação de oportunidades de melhoria e no cumprimento dos requisitos de acreditação, os Ensaios de Aptidão organizados pela RELACRE reforçam a confiança dos clientes, das autoridades e do mercado



nos resultados produzidos pelos laboratórios portugueses.

### **REDES DE COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TÉCNICO**

A RELACRE promove ativamente a cooperação entre laboratórios, criando espaços de partilha de conhecimento, discussão técnica e alinhamento de práticas.

As suas Comissões Técnicas e Setoriais e os diversos Grupos de Trabalho constituem fóruns privilegiados onde profissionais avaliam metodologias, discutem e analisam tecnicamente desafios emergentes, colaboram na interpretação de requisitos normativos, na harmonização de práticas e na elaboração de orientações técnicas que apoiam o desenvolvimento de orientações nacionais.

Esta dinâmica colaborativa contribui para o alinhamento das práticas laboratoriais com os referenciais internacionais e reforça a coesão e a maturidade técnica da comunidade laboratorial portuguesa.

### **PROMOÇÃO DA QUALIDADE E REPRESENTAÇÃO DO SETOR**

Através as suas múltiplas iniciativas, a RELACRE desempenha igualmente um papel relevante na representação e valorização do setor laboratorial junto de entidades reguladoras, organismos de acreditação, autoridades públicas e parceiros institucionais, tanto a nível nacional como internacional.

Ao promover boas práticas, apoiar iniciativas de inovação e dinamizar eventos técnicos e científicos, a Associação contribui para reforçar a visibilidade e o reconhecimento do papel dos laboratórios na economia e na sociedade.

Os laboratórios são elementos essenciais para garantir a qualidade e a segurança de produtos e serviços, para proteger a saúde pública e o ambiente, e para sustentar decisões técnicas e regulamentares baseadas em evidência científica.

### **UMA ASSOCIAÇÃO AO SERVIÇO DA CONFIANÇA E DA EXCELÊNCIA**

Mais do que uma associação profissional, a RELACRE afirma-se hoje como um pilar estruturante da qualidade e da competência técnica em Portugal. A sua ação tem contribuído de forma consistente para consolidar uma cultura de rigor científico, fiabilidade metrológica e melhoria contínua na comunidade laboratorial.

Ao impulsionar a cooperação, a inovação e o desenvolvimento técnico, a RELACRE assegura que os laboratórios portugueses continuam a desempenhar um papel determinante no progresso científico, industrial e económico do país, reforçando simultaneamente a confiança da sociedade nos resultados que sustentam a qualidade, a segurança e a competitividade das organizações. //

# Promover a Qualidade, a Certificação e a Normalização: Um Imperativo Estratégico para a Indústria Portuguesa



**João Pimentel**  
ADMINISTRADOR ISQ



**Num cenário industrial** marcado pela aceleração tecnológica, pela pressão regulatória e pela crescente exigência dos mercados globais, a Qualidade, a Normalização e a Certificação assumem-se como pilares estruturantes da competitividade.

Para Portugal – cujo tecido empresarial assenta fortemente em PME e microempresas – estas dimensões deixaram há muito de ser acessórias: são hoje condição indispensável para gerar Valor Acrescentado Bruto, captar investimento, internacionalizar e impulsionar a inovação. A realidade evidencia que a qualidade não é um conceito abstrato, mas um sistema mensurável, progressivo e suportado por regras, medições rigorosas e mecanismos de avaliação da conformidade. Esta arquitetura – que integra Normalização, Metrologia e Acreditação – constitui o Sistema Português da Qualidade (SPQ), coordenado pelo Instituto Português da Qualidade

O seu impacto no desempenho industrial é direto: assegura confiança, segurança e

credibilidade, fortalece o reconhecimento internacional e cria condições para competir em cadeias de valor exigentes. Na referência à robustez operacional e diferenciação, a adoção de normas e sistemas de gestão representa ganhos evidentes: processos mais eficientes, menor desperdício, maior controlo de risco e reforço da credibilidade técnica. Ferramentas como as normas ISO 9001, ISO 14001, ISO 45001, ISO 50001, entre outras, são elementos estruturantes na modernização e na sustentabilidade das operações, onde o crescente alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, em especial o ODS 9, reforça a centralidade de uma infraestrutura da qualidade orientada para inovação, indústria e resiliência.

Contudo, os desafios persistem. A economia portuguesa enfrenta ainda estrangulamentos que limitam a sua produtividade e competitividade, sendo urgente no prisma das reformas em curso no Estado avançar para um modelo de simplificação e modernização mais robusto,

pela via da aplicação de modelos de regulação técnica mais ágeis com maior envolvimento e confiança nas entidades acreditadas – essenciais para libertar capacidade produtiva e atrair investimento. É no contexto destes desafios que a Agenda Estratégica para a Qualidade 2030 e o Movimento Qualidade Portugal assumem relevância estratégica. Defendem o reforço de uma cultura nacional de qualidade, alicerçada em políticas públicas coerentes, participação das empresas, capacitação de profissionais e reconhecimento do papel das normas como indutoras de crescimento e inovação sustentável.

Para as empresas, o resultado é claro: organizações com sistemas de gestão mais maduros e por isso mais competentes, obtêm melhor desempenho económico, exportam mais, inovam com maior eficiência e integram-se mais facilmente em mercados internacionais de alto valor. Promover, distinguir, e colocar a Qualidade, e hoje a Qualidade 4.0 (inteligência operacional), no centro das decisões, elevando-a a motor de confiança, produtividade e modernidade, não é puro exercício administrativo – é estratégia económica nacional, com uma visão objetiva de que a Qualidade e a Excelência, são Valores da Marca Portugal. É investimento numa economia mais robusta, competitiva e sustentável.

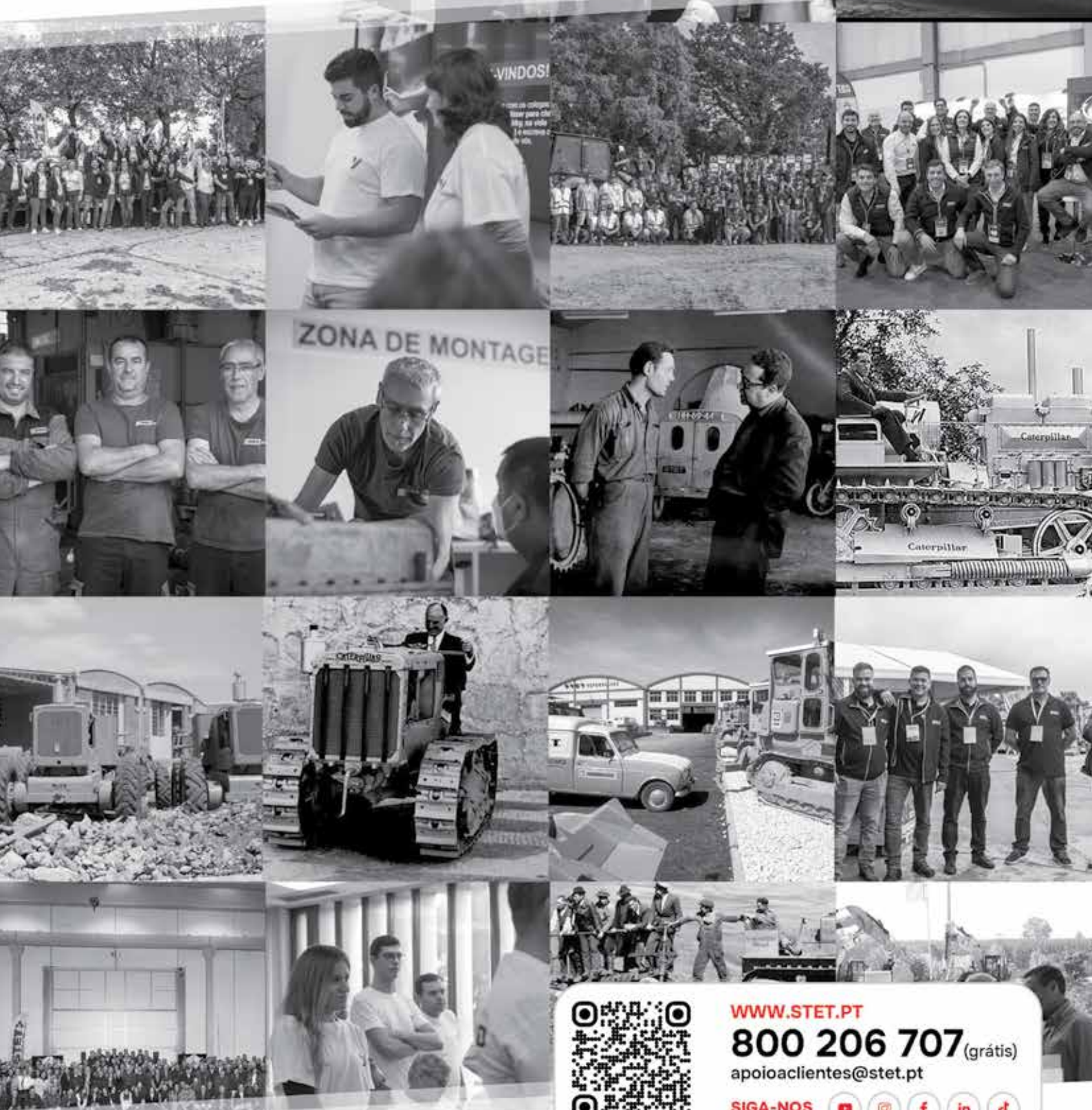
E para que se cumpra esse desiderato, o país dispõe de uma infraestrutura tecnológica altamente qualificada, reconhecida globalmente, que resulta de décadas de investimento, alinhamento institucional e consolidação de práticas baseadas nos melhores padrões internacionais. //

**STET**   
A TESYA COMPANY

**65**  
ANOS

**8 DEZEMBRO 1961**

**UMA HISTÓRIA  
CONSTRUÍDA  
POR PESSOAS**



[WWW.STET.PT](http://WWW.STET.PT)

**800 206 707** (grátis)  
apoiaclientes@stet.pt

SIGA-NOS



# STET - 65 anos a construir o Futuro



**Celebrar 65 anos de atividade** representa, para a STET, muito mais do que assinalar uma data simbólica. É reconhecer um percurso industrial sólido que sempre colocou as Pessoas no Centro da atuação. É reposicionar a empresa, contribuindo para ultrapassar alguns dos maiores desafios económicos, industriais e sociais da atualidade. Desde 1961, a STET opera de forma ativa em indústrias fundamentais da economia,

contribuindo, para o desenvolvimento e modernização das infraestruturas, da indústria pesada, da energia, da floresta, das pedreiras, das minas, dos portos, do sector naval, da reciclagem e tantos outros adjacentes...

A STET sempre adotou uma postura e modelo de Liderança claro, com as Pessoas ao Centro. Essas pessoas são Colaboradores, Clientes, Parceiros, Instituições, ou seja, a Sociedade em geral.



**Tiago Isidoro**  
DIRETOR-GERAL DA STET  
SOC. TÉCNICA DE EQUIP. E TRACTORES, S.A.

Assumimos o nosso papel e responsabilidade nas comunidades em que operamos.

Este propósito, assumiu especial destaque após incorporação, em 2018, no Grupo TESSA, o qual hoje integramos. O Grupo TESSA, recordou e potenciou a nossa essência, tão expressa nos valores comuns que nos unem. Os valores You & I Grow Together, You & I Embrace Change, You & I Build Trust, You & I Care. Tu e Eu é o mote. Sempre uma visão e Liderança Humanista, com as Pessoas no Centro e, a busca por Unir. Crescendo juntos, abraçando a mudança, construindo confiança e, quiçá o mais importante, cuidando.

Ao longo destas seis décadas, as indústrias e transformaram-se profundamente. Enfrentam hoje desafios outrora desconhecidos. Desafios Tecnológicos como a Transição Energética, a adoção de Inteligência Artificial, a Gestão Eficaz de Ativos, Economia Circular e a Eficiência no geral. Desafios Humanos como a Transição Geracional, igualdade de Género, Atrair Desenvolver e Reter Talento, Formação eficaz. Desafios de Atratividade, como a Comunicação, as Redes Sociais, o posicionamento Institucional.

Enfrentamos também Nós, na STET, estes desafios diariamente. E decidimos, que a melhor forma de os ultrapassar é pela partilha. Partilha, em Sistema Aberto de todas as aprendizagens. As nossas e, as de quem nos rodeia, sejam Clientes, Parceiros ou Instituições.

Para tal, iniciamos uma reforma estrutural integral das nossas instalações, como Centros de Competência e Capacitação da Indústria. Mais que para Nós, para todos os que se queiram juntar e crescer pela partilha.

Vamos inaugurar, no decorrer deste ano, o Centro de Capacitação de Beja, com um propósito muito especial, que em breve partilhamos com todos. Estão todos desde já convidados para visitar e fazer parte. Beja, a capital de Distrito mais pobre do País, a única sem Autoestrada a servi-la, é onde encetamos um dos nossos maiores investimentos, superior a 6M€. Queremos com isto provar ao que vimos e para onde vamos. Para Liderar, Partilhar, Unir e Crescermos Juntos. Todos!

Estamos igualmente a fazer uma remodelação integral na nossa Sede no Prior Velho. É um edifício icónico dos anos 60, que muito nos orgulha e, que terá um

papel maior que, somente ser a nossa Sede. Servirá como Centro de Competências e Capacitação e União de todas as Indústrias. Temos imensas surpresas planeadas! Estão desde já convidados para visitar e fazer parte. Lisboa tem um papel central em Portugal e nas Comunidades de Expressão Portuguesas. Estamos numa localização premium. Vamos potenciá-la para o bem comum! Temos ainda instalações na Maia, em Porto de Mós, na Madeira, nos Açores (S. Miguel), em Cabo Verde (Santiago). Todas elas, consolidarão um papel de partilha e união das indústrias.

Queremos ter um papel ativo na reindustrialização e inovação, com foco nas indústrias em que operamos. Para tal, trabalhamos em sinergia próxima com a Finanzauto, irmã de Espanha da STET.

Creemos que, a massa crítica será a única forma de ultrapassar os desafios de reindustrialização, sendo que as sinergias ibéricas são, sempre que bem estruturadas, um garante de competitividade e crescimento.

O Mundo está a passar por uma transição. Há efetivamente desafios. No entanto, convido todos a refletir e focar em quantas coisas positivas temos no nosso entorno; No potencial das Pessoas, no potencial da União, no potencial da Partilha, no potencial da Empatia. Assumimos o nosso papel com imenso Entusiasmo.

Com a mesma Ambição e Humildade que marcou o nosso passado, renovamos o nosso Compromisso com o Futuro de Portugal e das Comunidades de Expressão Portuguesa.

Venham mais 65... //

## COMPROMISSO COM O FUTURO



Este ano, a STET comemora 65 anos de uma história construída com pessoas, conhecimento e compromisso com o futuro. Este marco é assinalado ao longo do ano como reflexo de um percurso sólido, sustentado pela evolução contínua e por uma estratégia orientada para a criação de valor duradouro.

A empresa renova o seu compromisso para com a Indústria e a Sociedade, reforçando o seu posicionamento como parceiro de referência e de confiança nas marcas premium que representa em Portugal – Caterpillar®, Sandvik, Pronar e Magni. Desde a sua fundação, a STET tem acompanhado a transformação dos setores onde atua, respondendo aos desafios do mercado com capacidade de adaptação, investimento e inovação. A sua trajetória tem sido marcada por um forte investimento em tecnologia, infraestruturas e no desenvolvimento das suas equipas, assegurando elevados padrões de qualidade, fiabilidade e excelência no serviço prestado.

Este aniversário representa igualmente uma oportunidade para valorizar o contributo das pessoas que constroem diariamente a organização, reconhecer a solidez das parcerias desenvolvidas ao longo das últimas décadas e reforçar a visão estratégica que orienta a empresa para os próximos desafios. Com uma atuação focada na criação de impacto positivo, a STET continua a contribuir para o desenvolvimento dos seus clientes, parceiros e comunidades, mantendo o compromisso com a inovação, a sustentabilidade e o progresso.

# ICC celebra 40 anos de inovação no calçado profissional



A ICC – Indústrias e Comércio de Calçado, S.A., que, a partir de Guimarães, lidera a produção portuguesa de calçado profissional com as marcas Lavoro e No Risk, celebra 40 anos de atividade, mas mantém-se «curiosa, inquieta e ambiciosa» - como transmitiu, no final de janeiro, Teófilo Leite, presidente do conselho de administração, a mais de 220 funcionários, num almoço comemorativo, na Quinta de Entre-Vinhas, em São Faustino. Em 1986, pouco depois de Portugal e Espanha aderirem à então Comunidade Económica Europeia (CEE), em Guimarães, olhava-se, com curiosidade, para uma empresa que se aventurava a produzir um tipo de calçado que os profissionais portugueses de então, dos mais diversos setores, achavam ser uma utopia. Essa empresa era a ICC – Indústrias e Comércio de Calçado, SA – que, nestas quatro décadas, com arrojo, inovação técnica e muita resiliência, teve um papel determinante para democratizar o acesso dos trabalhadores a calçado profissional adequado à proteção dos riscos inerentes aos diferentes ambientes de trabalho.

Sempre fiel ao espírito fundador – tornar os próprios produtos obsoletos an-



Teófilo Leite, Presidente da ICC, com a filha, Maria Augusta Leite

tes que os outros o façam – a ICC, que detém laboratório próprio de ensaios, 18 registos de utilidade pública e um percurso marcado por soluções pioneiras e modelos inovadores, assinala os seus 40 anos com projetos estratégicos que lhe

permitem continuar a apresentar ao mercado soluções disruptivas.

Com um investimento em curso de 5 milhões de euros, a ICC encontra-se a concluir a expansão e modernização das suas instalações, que passarão de 4.000



para 10.000 m<sup>2</sup>. Entre as principais apostas destacam-se a produção com energia fotovoltaica, a injeção robotizada com reciclagem de materiais, o corte digital e a costura automática - pilares de uma nova era de eficiência e sustentabilidade.

«As novas instalações, em fase de acabamento, não são apenas um investimento físico. São uma declaração de intenções. Dizem que acreditamos no futuro e que acreditamos nas pessoas que o constroem todos os dias», assegurou Teófilo Leite no almoço dos 40 anos da empresa. Este ano, a ICC também já reforçou o seu serviço ibérico de aconselhamento podológico - que a marca Lavoro criou há 15 anos através do SPODOS, Foot Science Center - com uma clínica móvel de podologia e biomedicina, disponível para apoiar a saúde do pé dos profissionais dos mais diversos setores. Ainda neste domínio, em março, a ICC publicou o livro «O pé em contexto de trabalho», com o contributo do presidente da Associação Portuguesa de Podologia, de seis médicos de medicina do trabalho e de um advogado especialista em direito do trabalho, com a chancela da editora By the Book.

A ICC mantém-se igualmente na vanguarda da defesa da utilização do couro, símbolo da identidade local e nacional, saudável e sustentável, livre de metais pesados e de crómio, com produção rastreável e que privilegia, sempre que possível, soluções biodegradáveis, garantindo durabilidade e bem-estar ambiental. A empresa aposta na utilização de materiais reciclados, como o aglomerado de couro usado nos seus contrafortes, bem como na reciclagem de materiais excedentes, como a cortiça, que é reintegrada nos compostos de PU das solas injetadas - um passo firme rumo à economia

circular e à redução da pegada ecológica. Com 100 mil pares em stock permanente, exporta para mais de 50 mercados e para os setores mais exigentes: indústria, logística, floresta, bombeiros, forças de segurança e forças militarizadas. A sua marca Lavoro foi distinguida, a 27 de fevereiro, com o Prémio 5 Estrelas 2025, reconhecimento atribuído por escolha do consumidor português.

#### **CALÇADO PROFISSIONAL DA LAVORO COM SOLAS DE NOVA GERAÇÃO**

O novíssimo STRATICC é o grande destaque da Lavoro para 2026. O modelo estreia a produção de solas da marca com recurso ao sistema Multi Section Injection (MSI), uma tecnologia avançada de injeção direta de solas, que combina diferentes durezas numa única operação, garantindo maior absorção de impacto e melhor desempenho.

A injeção direcionada e controlada de até 3 zonas diferentes numa entressola permite uma melhor distribuição do material e o uso de diferentes propriedades mecânicas do poliuretano, especificamente projetadas para cada zona. O resultado são diferentes durezas em várias zonas da entressola: maior no calcanhar, para maior estabilidade; média na zona da planta do pé; e baixa na zona dedal, para maior amortecimento e conforto no caminhar.

A coleção STRATICC foi desenvolvida para a indústria ligeira, a partir do conceito "all in one", com múltiplas funcionalidades, como o sistema Responsive Shock Absorption (RSA), patenteado pela Lavoro, para maior amortecimento e melhor distribuição do peso; ou uma sola perfilada que favorece o movimento fluído do pé e a flexibilidade.

A Lavoro mantém-se na vanguarda da defesa do couro saudável e sustentável, livre de metais pesados e crómio, com produção rastreada e que privilegia, sempre que possível, propostas biodegradáveis - garantindo durabilidade e bem-estar ambiental.

A marca aposta também na utilização de materiais reciclados, como o aglomerado de couro utilizado no contraforte, ou até a reciclagem de materiais sobrantes, como a cortiça, que são reintegrados nos compostos de PU das solas injetadas - um passo firme em direção à economia circular e à redução da pegada ecológica.

#### **SPODOS, O PARCEIRO DA INDÚSTRIA NA SELEÇÃO DE CALÇADO PROFISSIONAL**

O SPODOS - Foot Science Center é, desde 2011, um parceiro científico da Lavoro no domínio da biomecânica, da podologia e da biomedicina aplicada ao calçado profissional.

Através da leitura da pressão plantar e do comportamento do pé em movimento, nos mais diversos ambientes e desafios laborais, recolhe dados concretos que permitem desenvolver formas e estruturas mais ergonómicas, estáveis e eficientes.

«Não desenhamos soluções apenas para o pé. Desenhamos para o modo como este trabalha, em cada ambiente laboral. Porque o melhor calçado profissional nasce da observação real do trabalhador em ação», explica Cátia Sampaio, coordenadora do Spodos.

Para além de auxiliar a Lavoro a desenvolver calçado profissional que harmoniza design, segurança e saúde do pé, também desenvolve uma relevante missão de aconselhamento do cliente sobre os modelos mais adequados a cada profissão.

No ano em que celebra 15 anos de atividade, o SPODOS leva também a ciência ao terreno, através de uma clínica móvel, de forma estar mais perto do chão de fábrica.

O Spodos Clinic leva a tecnologia de análise biomecânica, podológica e biomédica diretamente às empresas, feiras e parceiros.

Esta clínica sobre rodas permite avaliar padrões de marcha, distribuição de pressão e necessidades específicas de cada utilizador... e aconselhar o calçado profissional mais adequado à realidade de cada um, em função da sua saúde e dos desafios de cada ambiente de trabalho. //

# 60 Anos ISQ

## Passado, Presente e Futuro



**Pedro Matias**  
PRESIDENTE DO CONSELHO  
DE ADMINISTRAÇÃO DO ISQ

O ISQ celebra 60 anos com um percurso que começou de forma modesta e que hoje se afirma como uma organização global, com mais de 2000 colaboradores, presente nos quatro cantos do mundo e a trabalhar no estado da arte de múltiplas áreas industriais. É difícil imaginar que os fundadores, há seis décadas, pudessem antecipar esta dimensão. Mas a visão, a ambição e o rigor permitiram transformar uma pequena estrutura inicial num grupo de referência nacional e internacional. Desde cedo, o ISQ soube ser inteiro e grande, como diria Fernando Pessoa.

Ao procurar na arte e na cultura portuguesa algo que simbolize o ISQ, surge naturalmente a "Pedra Filosofal", de António Gedeão: um poema que conjuga ciência, complexidade e sonho, terminando numa imagem de simplicidade e esperança. O ISQ pode ser visto como essa "bola colorida" que rola, inspira, cria conhecimento e projeta futuro, mantendo viva a capacidade de sonhar e concretizar.

### EXCELÊNCIA, INOVAÇÃO E COMPROMISSO COM A QUALIDADE

Fundado com o propósito de promover a engenharia, em particular nas técnicas de união de materiais, o ISQ evoluiu para um centro de conhecimento transversal, atuando hoje em setores como energia, Oil & Gas, transportes, construção, aeronáutica, aeroespacial, ambiente e saúde. Ao longo do tempo, afirmou-se como parceiro estratégico da indústria e de entidades públicas, contribuindo para a segurança, fiabilidade e competitividade de infraestruturas, equipamentos e sistemas críticos.

A consolidação nacional e internacional fez-se com investimento contínuo em laboratórios, centros de investigação e equipas altamente qualificadas. A certificação, a credibilidade técnica, a

participação em comités europeus e internacionais, bem como a definição de normas e boas práticas, conferiram ao ISQ um impacto duradouro e de alcance verdadeiramente global.

### INOVAÇÃO, SUSTENTABILIDADE E CONHECIMENTO

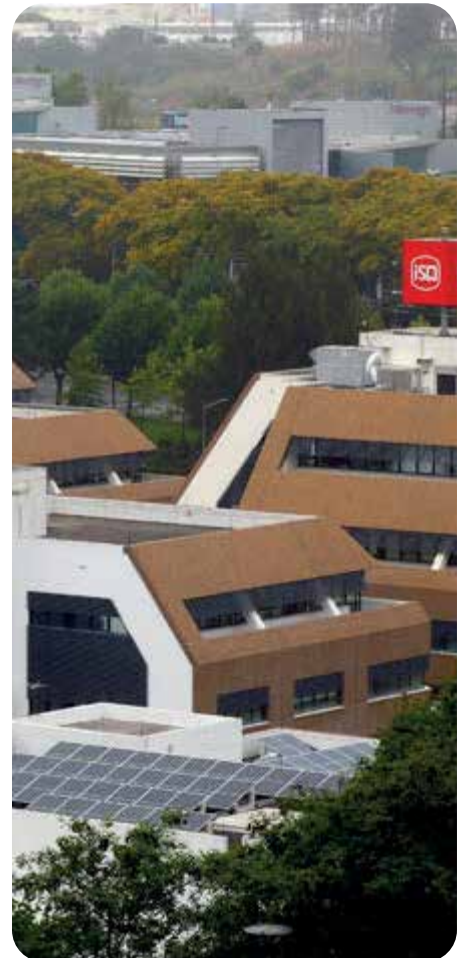
A inovação sempre esteve no centro da estratégia do ISQ. A aposta consistente na investigação aplicada, no desenvolvimento tecnológico e na transferência de conhecimento permitiu antecipar tendências e responder a desafios emergentes. Projetos em áreas como digitalização, novas energias, inteligência artificial, robótica aplicada à inspeção, monitorização de estruturas e eficiência energética preparam o Instituto para um futuro cada vez mais exigente.

Paralelamente, o ISQ assumiu-se como um polo de formação e qualificação, contribuindo para o desenvolvimento de gerações de profissionais e para a consolidação de uma cultura de qualidade, rigor, segurança e responsabilidade no tecido industrial.

### IMPACTO, ORGULHO E FUTURO

Muitas das estruturas que garantem segurança, progresso e bem-estar na sociedade têm, direta ou indiretamente, a marca do ISQ. Pontes, infraestruturas energéticas, sistemas industriais ou componentes de elevada complexidade beneficiam de um trabalho técnico rigoroso, muitas vezes discreto, mas de enorme relevância.

Chegar aos 60 anos não é apenas resistir ao tempo, é evoluir com ele e, sempre que possível, antecipá-lo. O ISQ está preparado para o futuro, com equipas experientes, bases sólidas, parcerias estratégicas e espírito de vanguarda, pronto para reforçar a cooperação internacional e afirmar competências em novas indústrias e geografias.



A todos os colaboradores, parceiros e clientes, o nosso profundo agradecimento. Que os próximos 60 anos sejam vividos com a mesma ambição, ética, inovação e paixão pelo conhecimento que sempre definiram o ISQ. //

LAVORO®  
ENGINEERING LIFE

straticc  
nova coleção

*Absorve o impacto.  
Multiplica o desempenho.*



**/ SOLA PERFURADA /**

RSA (RESPONSIVE SHOCK ABSORPTION)  
MELHOR DISTRIBUIÇÃO DE PESO  
MAIOR AMORTECIMENTO

NOVA TECNOLOGIA

**MSI**  
MULTI-SECTION INJECTION



**/ SOLA PERFILADA /**

MELHOR ADERÊNCIA  
MAIOR FLEXIBILIDADE  
MOVIMENTO MAIS FLUÍDO

calçado de segurança  
lavoroeurope.com

# Inteligência Artificial

um marco transformador no ecossistema da Propriedade Industrial



**Ana Bandeira**  
PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETIVO DO INPI

**A Inteligência Artificial (IA)** encontra-se cada vez mais integrada na vida de todos nós, com vantagens e desafios transformadores, seja na sociedade, na economia ou na inovação. Deixou de ser um projeto de futuro, a IA faz parte do nosso presente e é já uma realidade bem concreta nos sistemas de proteção de Direitos de Propriedade Industrial (DPI) a nível nacional, europeu e mundial.

No INPI estamos alinhados com a rápida transformação digital que está a ocorrer a nível global. O nosso Plano Estratégico 2025-2030 prevê, por isso mesmo, um reforço significativo no investimento em áreas tecnológicas que são essenciais na gestão e proteção dos DPI.

A nossa visão estratégica, assim como o nosso trabalho, tem-nos levado a partilhar a experiência de Portugal em fóruns e conferências onde a relação entre IA e a Propriedade Industrial (PI) são tema central. Temos participado em encontros que reúnem especialistas de institutos congéneres, do Instituto da Propriedade Intelectual da União Europeia (EUIPO), do Instituto Europeu de Patentes (EPO) e da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI).

Em outubro de 2025 participei na “Conferência Propriedade Intelectual e Inteligência Artificial: a Transformação e o Desafio Jurídico”, no Museu do Oriente, onde fui oradora, juntamente com as presidentes da Associação DNS.PT, Luisa Ribeiro, e do ARBITRARE, Joana Correia, num interessante e esclarecedor painel dedicado ao tema “Utilização de ferramentas de Inteligência Artificial por decisores.”

Recentemente, em março deste ano, tive a oportunidade de representar o INPI, como oradora convidada, na Palestra de Abertura do XXV Congresso Internacional da Propriedade Intelectual: Fundamentos da Propriedade Intelectual para um Novo Tempo, organizado pela Associação Paulista da Propriedade Intelectual, que reuniu vários especialistas em PI em São Paulo, no Brasil, e onde fiz a apresentação com o tema “A Inteligência Artificial no âmbito da Propriedade Industrial”.

#### **DIA MUNDIAL DA PROPRIEDADE INTELECTUAL**

No final de abril, mês em que comemoramos o Dia Mundial da Propriedade Intelectual, voltamos a esta temática com a mesa redonda “O impacto da Inteligên-

cia Artificial na Propriedade Intelectual (PI)”, agendada para dia 30 de abril, no Tribunal da Relação de Lisboa

Estas iniciativas são cruciais para refletirmos, em conjunto, de que forma a IA está a desafiar os fundamentos tradicionais da PI e a exigir novas estratégias e abordagens. Estamos perante uma nova realidade transformadora para todo o ecossistema, seja na forma como as patentes, as marcas e o design são examinados, pesquisados, concedidos, e geridos, seja mesmo como estão a ser criados.

Do nosso ponto de vista, as vantagens da IA são inúmeras. Com a adoção destas ferramentas conseguimos ter processos mais eficientes, agilizar tarefas, tratar rapidamente grandes volumes de dados, melhorar o atendimento ao cliente e diminuir o risco de erro. Em suma, prestar melhores serviços.

Nos procedimentos administrativos, a IA já é utilizada para automatizar e acelerar tarefas repetitivas, como a análise documental, a classificação automática de patentes e a pesquisa ao estado da técnica, assim como no apoio à pesquisa de imagens no exame de marcas, por exemplo. Os processos tornam-se mais céleres e eficientes, sempre com a intervenção humana, que vai continuar a ser essencial para assegurar o rigor, a legitimidade e a validação crítica das decisões.

#### **ABORDAGEM “HUMAN CENTERED”**

Os desafios que enfrentamos são, como sabemos, muitos e partilhados com as várias entidades a nível nacional e internacional que já estão também a implementar estes sistemas tecnológicos. Esta é uma oportunidade que acarreta riscos. A adoção da IA leva-nos a ter cuidados especiais, seja no sigilo dos dados que tratamos, seja na necessidade de implementação de políticas claras e práticas internas para lidar com riscos conhecidos na utilização destas tecnologias, como o enviesamento, erros ou criação de uma dependência excessiva de sistemas automatizados.

Esta é uma transformação rápida e necessária, que está a ser implementada com transparência, responsabilidade, segurança e garantia da proteção dos direitos fundamentais.

Asseguramos aos profissionais e utilizadores de PI com quem trabalhamos uma abordagem “human centered”, que assegura que as decisões que tomamos são

validadas e analisadas de forma crítica pelos nossos examinadores. A intervenção humana continua a ser fundamental e não pode ser descartada. A IA é encarada como uma ferramenta de apoio para o cumprimento dos objetivos estratégicos no âmbito da nossa missão enquanto instituto público que está a comemorar 50 anos em 2026. Criámos, por isso, um Grupo de Trabalho responsável pela implementação de IA internamente e estamos a investir na formação dos nossos recursos humanos nesta área.

É com estes princípios que assumimos as responsabilidades que nos foram, recentemente, confiadas no âmbito do Plano de Ação da Estratégia Digital Nacional para 2026-2027 (Resolução do Conselho de Ministros n.º 214/2025) e na Agenda Nacional de Inteligência Artificial (Resolução do Conselho de Ministros n.º 2/2026), documentos aprovados pelo Governo, onde o INPI assume particular responsabilidade no apoio à inovação e ao empreendedorismo nesta era digital.

#### **TRANSFORMAÇÃO TECNOLÓGICA**

A chave de uma evolução tecnológica consistente e eticamente responsável passa pela cooperação e partilha de boas práticas. É por aí o nosso caminho. Estamos, numa primeira fase, a utilizar ferramentas de IA fornecidas e testadas pelo EUIPO e pelo EPO, não tendo ainda enveredado pela aplicação sistemática de outros recursos de IA, nomeadamente no que concerne à redação e fundamentação de decisões sobre processos de propriedade industrial.

Estamos também a implementar IA na melhoria do nosso sistema interno de tramitação dos pedidos, também com o apoio técnico do EUIPO e do EPO. No caso das patentes estamos a falar, por exemplo, de módulos de tradução automática, classificação automática de patentes ou plataformas de pesquisa ao estado da técnica. No caso das marcas, as ferramentas de IA que utilizamos estão centradas no suporte ao exame, nomeadamente no suporte ao exame de motivos absolutos, assim como na pesquisa de imagens.

Assumimos que esta transformação tecnológica é essencial para cumprirmos com eficácia e eficiência a nossa missão, com a certeza de que não abdicamos da nossa essência enquanto Instituto Público: seremos sempre um serviço de pessoas para pessoas. //

# Indicador Gastão Cunha Ferreira 2025

## A inovação portuguesa que está a conquistar o mundo



**Eduardo Cruz**

PATENT ATTORNEY GASTÃO CUNHA FERREIRA

**Descobrir quem está** verdadeiramente a inovar em Portugal não é uma tarefa simples. Muitas das invenções com origem no nosso país são protegidas primeiro nos grandes mercados internacionais e os dados encontram-se dispersos por diferentes sistemas de patentes. A inovação portuguesa está a ganhar escala global e algumas empresas e uni-

versidades estão claramente na linha da frente na atividade de patenteamento internacional de invenções com origem em Portugal.

Mais do que um ranking, o Indicador Gastão Cunha Ferreira tornou-se uma ferramenta de leitura estratégica da inovação portuguesa, permitindo acompanhar onde está a nascer tecnologia com

potencial de impacto global, e quais as empresas e universidades que estão a transformar conhecimento em vantagem competitiva.

Por outro lado, o Indicador Gastão Cunha Ferreira reafirma o seu papel estratégico no cenário da inovação e permite que as entidades do top 10 façam a comparação da própria atividade de patenteamento

com a de outras instituições, inspirando toda a comunidade a direcionar os esforços de inovação no futuro.

Indústria, tecnologia e farmacêuticas lideram o ranking empresarial e o topo da inovação continua a ser ocupado por organizações com forte cultura de investigação e desenvolvimento.

A Bosch mantém a liderança do ranking, confirmando a consistência da sua aposta em centros de engenharia e tecnologia instalados em Portugal. Na segunda posição surge a Novadelta, mostrando a sua estratégia de transformar conhecimento em inovação protegida.

Apesar de muitas vezes passarem despercebidas ao grande público, as patentes estão no centro da economia da inovação. Cada patente representa anos de investigação e investimento e garante exclusividade na exploração de uma tecnologia. É essa proteção que permite às empresas transformar ideias em produtos, atrair investidores e competir nos mercados internacionais.

O que torna estas empresas tão inovadoras e bem-sucedidas? A palavra-chave é «criatividade», e protegê-la é o elemento de sucesso no futuro, até para investidores, uma vez que as patentes oferecem exclusividade, protegem as invenções de imitações e permitem que as empresas lucrem com as próprias ideias.

No universo académico, a inovação continua a concentrar-se nas universidades com maior intensidade científica.

Este ano a Universidade do Porto recuperou a liderança, seguida pela Universidade do Minho e pela Universidade de Coimbra.

Este resultado confirma o peso crescente das universidades portuguesas na geração de conhecimento com potencial de aplicação industrial.

As universidades deste ranking não apenas consolidam sua posição na vanguarda

## INDICADOR GASTÃO CUNHA FERREIRA – EMPRESAS

Atividade de patenteamento internacional com prioridade portuguesa ou inventores residentes em Portugal; patentes publicadas nos últimos cinco anos, ordenado pelo total acumulado desde 2021.

	REQUERENTE	2021	2022	2023	2024	2025	TOTAL
1º	BOSCH	54	40	94	73	33	325
2º	NOVADELTA	72	63	35	17	20	207
3º	BIAL	41	53	33	18	39	184
4º	HOVIONE	29	30	22	24	28	133
5º	VESTAS	23	22	40	27	21	133
6º	NOKIA	5	13	21	25	59	123
7º	CLEERLY	22	12	22	36	15	107
8º	ADVANTEST	15	11	16	24	39	105
9º	SIEMENS	3	2	8	32	57	102
10º	SANOFI	11	11	19	47	4	95

## INDICADOR GASTÃO DA CUNHA FERREIRA – UNIVERSIDADES

Atividade de patenteamento internacional com prioridade portuguesa ou inventores residentes em Portugal; patentes publicadas nos últimos cinco anos, ordenado pelo total acumulado desde 2021.

	REQUERENTE	2021	2022	2023	2024	2025	TOTAL
1º	UNIVERSIDADE DO PORTO (a)	55	64	56	41	59	275
2º	UNIVERSIDADE DO MINHO	43	47	86	59	26	261
3º	UNIVERSIDADE DE COIMBRA (d)	44	48	39	32	42	205
4º	UNIVERSIDADE LISBOA (b)	22	38	44	27	25	156
5º	UNIVERSIDADE AVEIRO	17	21	19	29	32	118
6º	INSTITUTO SUPERIOR TECNICO	18	13	19	24	16	90
7º	UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (c)	16	17	12	11	20	76
8º	UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA	9	10	11	20	9	59
9º	UNIVERSIDADE ÉVORA	16	2	6	4	2	30
10º	UNIVERSIDADE DO ALGARVE (e)	5	7	5	9	2	28

(a) Inclui Instituto de Patologia e Imunologia Molecular

(b) Inclui Instituto de Medicina Molecular João Lobo Antunes

(c) Inclui Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier

(d) Inclui Centro de Neurociências e Biologia Celular

(e) Inclui Centro de Ciências do Mar do Algarve

tecnológica, também inspiram pessoas e empresas a projetar Portugal no mundo. Com o objetivo de acelerar a transformação da inovação em valor económico, a Gastão Cunha Ferreira lançou em 2025 o IP Store by Gastão, uma plataforma digital dedicada à compra, venda e licenciamento de ativos de Propriedade Intelectual, incluindo marcas e patentes.

A iniciativa pretende aproximar inventores, universidades e empresas, criando

um verdadeiro mercado para tecnologias desenvolvidas em Portugal.

Porque, no final, a inovação não se mede apenas pelo número de ideias geradas, mas pela capacidade de as transformar em oportunidades económicas.

E é precisamente essa dinâmica que o Indicador Gastão Cunha Ferreira continua a revelar: o talento inovador que nasce em Portugal e encontra no mundo o seu mercado. //



Porto de Lisboa

## Onde as cargas encontram o destino.

Com uma localização estratégica e soluções inovadoras, garantimos operações ágeis e sustentáveis. Escolha um porto que transforma desafios em oportunidades.

14

terminais dedicadas à movimentação de carga.

1,2M

capacidade global de TEU.

+7M

capacidade de movimentação de grandes sólidos/ano

www.portodelisboa.pt



# O IEFP e o Poder da Experiência:

## Construir Equipas Industriais Sólidas num Setor em Transformação



**José Paulo Luís**  
DIRETOR DE SERVIÇOS DE  
PROMOÇÃO DE EMPREGO

A **modernização industrial**, impulsionada pela tecnologia, pela qualificação contínua e por novas dinâmicas produtivas, exige parceiros capazes de responder com rapidez, escala e soluções integradas. É neste contexto que o IEFP se afirma como um aliado estratégico da indústria portuguesa, apoiando as empresas na transformação tecnológica, na adoção de processos mais sustentáveis e na mitigação da escassez de mão de obra qualificada. A diversidade dos serviços do IEFP forma um ecossistema público integrado, concebido para reforçar a competitividade da economia.

Nestes termos, o IEFP disponibiliza várias modalidades de formação que vai da qualificação inicial à atualização contínua, integrando cursos de dupla certificação, formação modular e percursos de especialização tecnológica. Esta oferta cobre áreas estratégicas como automação, robótica, eletrónica, eletrotécnica, mecatrónica, tecnologias de produção, processos químicos e energéticos, metalomecânica, soldadura, logística, qualidade, informática e outras competências específicas ou transversais essenciais ao setor. Assente nos referenciais do Catálogo Nacional de Qualificações e com forte componente prática em contexto real de trabalho, a formação acelera a integração produtiva e prepara profissionais para ambientes industriais exigentes. O sucesso desta intervenção resulta em grande parte da articulação local e regional entre centros de emprego e de formação profissional, empresas, associações industriais e autarquias, permitindo ajustar rapidamente

a oferta às necessidades de regiões com novas unidades industriais ou processos de expansão e modernização.

Os serviços de recrutamento do IEFP apoiam as empresas na definição de perfis, divulgação de ofertas e pré seleção de candidatos ajustados às funções, reduzindo tempos de recrutamento e aumentando a qualidade do matching, sobretudo em zonas onde a pressão sobre o mercado de trabalho é elevada. Medidas como o Emprego Interior MAIS, que apoia a mobilidade de trabalhadores, reforçam a capacidade de atrair e fixar talento em territórios industriais, contribuindo para reduzir assimetrias regionais.

Os programas de estágios do IEFP assumem um papel decisivo na renovação geracional. Os Estágios INICIAR, dirigidos a jovens e adultos com qualificações de nível 4 ou 5, ajustam-se a funções mais técnicas como as de produção, manutenção ou logística. Já os Estágios +Talentos, destinados a jovens até 35 anos com formação superior, permitem atrair perfis mais especializados. Ambas as medidas asseguram bolsa, seguro e acompanhamento por um orientador da entidade promotora, garantindo um desenvolvimento de competências alinhado com os processos produtivos e com os perfis definidos para cada estágio.

No domínio da contratação, o IEFP disponibiliza instrumentos eficazes para reduzir o risco das empresas e promover vínculos estáveis. A Medida +Emprego apoia contratos sem termo celebrados com desempregados inscritos, podendo ter majorações

em determinados contextos. A Medida Emprego +Talentos incentiva a contratação sem termo de jovens qualificados, exigindo níveis remuneratórios adequados à função e às responsabilidades. Estas medidas reforçam a estabilidade das equipas, facilitam percursos de progressão e aumentam a capacidade de retenção num setor altamente competitivo.

A transformação industrial exige também atenção à dimensão humana, onde a experiência dos trabalhadores 55+ assume um papel decisivo. Num setor cada vez mais automatizado e digital, estes profissionais detêm conhecimento tácito, rigor e capacidade de antecipação dificilmente substituíveis pela tecnologia. A sua requalificação permite transformar experiência em inovação e reforçar a fiabilidade das operações. Equipas que combinam maturidade e juventude tornam-se mais equilibradas e eficientes, reduzindo erros e elevando o desempenho. Num contexto de escassez de mão de obra e crescente especialização, valorizar os profissionais 55+ constitui uma vantagem competitiva essencial para a modernização industrial.

No final, é na convergência entre a determinação das empresas industriais e a capacidade de resposta dos profissionais com o apoio do IEFP que se constrói um caminho mais sustentável e inclusivo. Quando qualificação, recrutamento, estágios, incentivos à contratação e requalificação se articulam com as necessidades reais dos territórios, nasce uma parceria que gera valor económico e social. Desta cooperação firme e orientada para resultados emerge uma indústria mais competitiva, mais humana e mais preparada para os desafios do futuro. Juntos, IEFP e indústria transformam talento em progresso e competências em oportunidades, contribuindo para um país mais resiliente e próspero. //



# Um bom líder motiva

**E atualiza-se, porque dominar a transformação digital é garantir o sucesso das empresas**

A formação Líder + Digital foi desenhada para capacitar os líderes. Estes serão os grandes responsáveis pela implementação da transformação digital das empresas.

The logo for 'Líder Mais Digital' features a circular graphic composed of several concentric green lines with small dots at the ends, resembling a network or a stylized smile. To the right of this graphic, the words 'LÍDER', 'MAIS', and 'DIGITAL' are stacked vertically in a bold, black, sans-serif font.

**LÍDER  
MAIS  
DIGITAL**



# Indústria Portuguesa em 2026

## Entre a transição energética e a pressão global

Em 2026, a indústria portuguesa enfrenta um conjunto complexo de desafios que testam a sua resiliência e capacidade de adaptação. A transição energética continua a exigir investimentos significativos em eficiência e descarbonização, enquanto os custos de produção permanecem pressionados por fatores externos, como a volatilidade dos mercados internacionais e as cadeias de abastecimento ainda instáveis. Paralelamente, a escassez de mão de obra qualificada e a necessidade de acelerar a digitalização colocam novas exi-

gências às empresas. Neste contexto, a competitividade da indústria nacional dependerá cada vez mais da inovação, da qualificação dos recursos humanos e da capacidade de integrar práticas sustentáveis sem comprometer a produtividade. Fomos ouvir as associações setoriais e empresas sobre as suas expectativas para o ano em curso em quatro eixos fundamentais: receios e desafios, exportação e crescimento, pessoas e talento e aposta estratégica na Inteligência artificial (IA).

# Reforçar a capacidade exportadora:

## uma pedra basilar da Economia portuguesa em 2026



**Gonçalo Regalado** | PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA DO BANCO PORTUGUÊS DE FOMENTO

**Entramos em 2026** num contexto internacional particularmente exigente. As tensões geopolíticas persistem, os riscos energéticos continuam latentes e as cadeias globais de abastecimento atravessam uma fase de profunda reconfiguração. Este cenário cria incerteza e riscos acrescidos, mas também abre oportunidades para Economias capazes de se posicionar com agilidade, visão e ambição.

Portugal enfrenta este ciclo de reconfiguração com condições estratégicas e vantagens estruturais relevantes: estabilidade macroeconómica, contas públicas equilibradas, paz social e um ambiente favorável ao investimento. Estes fatores, frequentemente sublinhados no diálogo com o tecido empresarial nacional e internacional, assim como com parceiros institucionais, colocam o país numa posição diferenciadora no contexto europeu.

É neste enquadramento que o Banco Português de Fomento (BPF), enquanto banco promocional nacional, assume um papel central. Em 2025, alcançámos uma escala de intervenção sem precedentes: apoiámos cerca de 17 mil empresas, colocámos 6,5 mil milhões de euros na economia e gerámos um impacto estimado de 2,2% do PIB nacional. Números que, mais do que dimensão, refletem a confiança das Empresas portuguesas no Banco Soberano, ao serviço da Economia e do país. Estes resultados criam uma base robusta para fazermos ainda mais. O contexto global exige mais ambição,

mais competitividade e que a internacionalização seja assumida como eixo central da estratégia de crescimento. Exportar é diversificar risco e clientes, ganhar escala e criar valor. As Empresas exportadoras são, em média, mais competitivas, mais inovadoras e mais resilientes. Reforçar a base exportadora nacional é, por isso, reforçar a própria estrutura da Economia.

Para esse objetivo, o BPF disponibilizará, em 2026, cerca de 15 mil milhões de euros em garantias nacionais e europeias. Este esforço materializa-se em soluções financeiras concretas: as Linhas BPF Invest Export, com 3.500 milhões de euros para Empresas afetadas por tarifas internacionais e instabilidade nos mercados globais; Garantias, Financiamento e Investimento para grandes projetos estruturais em áreas como mobilidade elétrica, hidrogénio e data centers; e mecanismos inovadores como os Basket Bonds, que permitem às PME aceder ao mercado obrigacionista com garantia pública.

Paralelamente, a integração da Agência de Crédito à Exportação (ECA) e da SOFID, Instituição Financeira de Desenvolvimento Portuguesa, no BPF, permitirá criar uma plataforma única e mais robusta de apoio à internacionalização, combinando financiamento, mitigação de risco e apoio ao investimento português no exterior.

Queremos que Portugal se afirme como a Economia europeia da década. Isso implica promover uma trajetória

consistente de crescimento empresarial: transformar Microempresas em Pequenas Empresas, Pequenas em Médias, Médias em Grandes e Grandes em Globais.

Mas o crescimento não se faz apenas com capital. Faz-se, sobretudo, com Pessoas. É, por isso, determinante, também, investir na qualificação e requalificação dos trabalhadores, na capacitação da gestão e numa cultura empresarial orientada para a inovação, para a produtividade e para a execução. Neste percurso, a inteligência artificial representa, simultaneamente, um desafio e uma oportunidade estratégica para acelerar a competitividade das Empresas - uma área onde Portugal reúne ambição, competências e fatores decisivos para se afirmar. Em suma, Portugal entra em 2026 numa posição privilegiada para ter sucesso num mundo volátil e complexo. Este sucesso dependerá da capacidade coletiva de transformar recursos tangíveis e intangíveis em investimento produtivo, Empresas mais fortes, Pessoas mais qualificadas e crescimento sustentável.

Como tenho afirmado, Portugal já não é apenas o país da Liberdade que herdámos dos nossos pais. É o Portugal da Globalidade - um país pronto para competir, inovar e liderar.

E é com os Empresários, lado a lado, que continuaremos a trabalhar para posicionar Portugal entre as economias mais dinâmicas da Europa na próxima década. //

# Promover inovação tecnológica e internacionalização



**Nuno Saraiva** | DIRETOR GERAL DA SEW-EURODRIVE PORTUGAL

O ano de 2026 poderá ser marcante para Portugal, impulsionado por investimentos públicos e privados decorrentes do PRR e a adoção de novas tecnologias que procuram satisfazer a pressão crescente para aumento da produtividade, redução de desperdícios e a inevitabilidade das empresas competirem globalmente. Esta evolução deriva do contexto da Indústria 5.0, onde robótica avançada, inteligência artificial e sistemas ciberfísicos se tornam parte central das operações industriais.

O Plano de Recuperação e Resiliência financia vários projetos de automação e robótica que atingem maturidade em 2026, destacando-se a Agenda PRODUTECH R3 que visa criar fábricas totalmente flexíveis, com robótica colaborativa e equipamentos que ajustam a produção autonomamente através de sensores avançados e ferramentas de IA. Esta tendência implica tecnologia de ponta, como a comunicação ultra-rápida e eficaz entre máquinas, sistemas de IA e de fluxo de dados que permitam processos mais rápidos, autónomos e seguros.

Paralelamente, a manutenção preditiva — suportada por sensores inteligentes que recolhem os dados e algoritmos avançados que os analisam — adquire uma importância vital para a indústria, reduzindo falhas inesperadas e aumentando a disponibilidade e vida útil dos equipamentos.

Para reforço da capacidade produtiva e aumento da competitividade, a indústria nacional necessita de acesso a meios de financiamento sólidos que promovam inovação tecnológica, inter-



nacionalização e modernização sustentável. Portugal ainda investe abaixo da média da UE em I&D, tornando crucial intensificar o desenvolvimento tecnológico e criar modelos de negócio com valor acrescentado. Recentemente temos assistido ao escalar do protecionismo nos mercados internacionais, com imposição de tarifas e obrigações legais que encarecem o produto final. Uma maior incorporação nacional na produção é, pois, condição necessária para aumentarmos a autonomia industrial e, consequentemente, a eficiência competitiva.

Por outro lado, o esperado aumento nos níveis de automação e robótica terá um impacto socioeconómico significativo. Estudos recentes indicam que cerca de 29% dos empregos em Portugal estão em sério risco de desaparecer devido à automação e IA afetando sobretudo tarefas rotineiras e de baixa qualificação. Ao mesmo tempo, apenas 22,5% das profissões possuem potencial para beneficiar diretamente desta transição tecnológica.

No entanto as pessoas são, e continuarão a ser, o verdadeiro motor do crescimento económico e social em Portugal. Num contexto em que a automação, a digitalização e a inteligência artificial estão a transformar profundamente o mercado de trabalho, a qualificação e a requalificação deixam de ser opções e tornam-se imperativos estratégicos. Portugal não pode permitir-se desperdiçar talento — nem o dos jovens altamente qualificados que muitas vezes encontram melhores oportunidades no estrangeiro, nem o dos profissionais experientes que precisam de apoio e formação específica para se adaptar a esta nova realidade. Valorizar o talento nacional exige investimento permanente em competências, formação contínua e políticas que aproximem as pessoas das necessidades reais das empresas. Só assim o país poderá garantir que a modernização tecnológica se traduz em progresso inclusivo, onde cada pessoa é parte ativa da inovação e do desenvolvimento sustentável. //

# ABIMOTA e os Desafios da Indústria Portuguesa num contexto de transformação global



**Gil Nadais** | SECRETÁRIO-GERAL DA ABIMOTA - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS DE DUAS RODAS

**Enquanto associação** representativa dos setores das duas rodas, ferragens e mobiliário metálico, a ABIMOTA acompanha de forma próxima a evolução da indústria nacional e os desafios estruturais que se colocam às empresas num contexto de transformação económica, tecnológica e ambiental.

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) e da AICEP – Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, Portugal apresenta uma forte orientação exportadora, tendo as exportações de bens atingido cerca de 133 mil milhões de euros em 2024, o valor mais elevado de sempre, refletindo a importância da indústria transformadora para o crescimento económico nacional. Neste contexto, segundo informação da AICEP / Portugal Global, a indústria transformadora avançada - que integra a metalomecânica, equipamentos e componentes industriais - registou exportações superiores a 19 mil milhões de euros, evidenciando o peso estratégico dos setores industriais de base tecnológica e produtiva onde se inserem as empresas representadas pela ABIMOTA.

No domínio da mobilidade, segundo dados divulgados pela AICEP, a indústria portuguesa das duas rodas posiciona-se entre os principais exportadores mundiais, ocupando o 11.º lugar no ranking global, com vendas para mais de 135 mercados internacionais. Este desempenho confirma a elevada capacidade

competitiva, a integração em cadeias de valor globais e a especialização tecnológica do setor, características igualmente transversais aos setores das ferragens e do mobiliário metálico, fortemente orientados para mercados externos e para soluções técnicas de elevado valor acrescentado.

Para 2026, os principais receios e riscos mantêm-se associados à instabilidade geopolítica, à volatilidade dos mercados internacionais, ao aumento dos custos energéticos e das matérias-primas e à crescente exigência regulatória, em particular no domínio ambiental. Estes desafios são particularmente relevantes para um tecido empresarial maioritariamente composto por PME industriais, que enfrentam simultaneamente a necessidade de investir, inovar e manter competitividade.

Reforçar a capacidade exportadora e sustentar o crescimento exige uma aposta contínua na inovação, na diferenciação de produto, na incorporação tecnológica e na sustentabilidade. A transição digital e a transição climática são hoje fatores determinantes de competitividade, permitindo ganhos de eficiência produtiva, redução de custos e alinhamento com as exigências dos mercados internacionais. Segundo as orientações estratégicas do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), o investimento em digitalização, eficiência energética e descarbonização constitui um eixo central para a modernização da indústria e para o

reforço da sua resiliência.

As pessoas são o principal motor do crescimento. De acordo com diagnósticos institucionais recentes sobre o mercado de trabalho e a indústria, a escassez de recursos humanos qualificados, sobretudo em áreas técnicas e tecnológicas, é um dos maiores constrangimentos à competitividade industrial. A qualificação e requalificação profissional, o reforço da ligação entre empresas, ensino profissional, ensino superior e sistema científico e tecnológico são fundamentais para responder às necessidades da indústria. Portugal não pode desperdiçar talento.

A Inteligência Artificial assume-se como uma aposta estratégica com impacto direto na produtividade e competitividade das empresas. A sua aplicação em áreas como a otimização de processos produtivos, controlo de qualidade, manutenção preditiva, logística e apoio à decisão permite acelerar a transição digital da indústria, devendo ser acompanhada por investimento em competências e por uma abordagem responsável, alinhada com os objetivos da transição climática.

Em 2026, o futuro dos setores das duas rodas, ferragens e mobiliário metálico dependerá da capacidade de alinhar investimento, inovação, talento e tecnologia, tirando pleno partido dos instrumentos do PRR e do Portugal2030 e reforçando o contributo da indústria portuguesa para o crescimento económico e a projeção internacional do país. //

# Indústria Portuguesa de Componentes para Automóveis: Um dos Motores da Economia Nacional



**José Couto** | PRESIDENTE DA AFIA – ASSOCIAÇÃO DE FABRICANTES PARA A INDÚSTRIA AUTOMÓVEL

**A Indústria Portuguesa** de Componentes Automóveis tem revelado um desempenho acima da produção automóvel na Europa. Entre 2019-2025 cresceu a uma taxa de +3,8% ao ano, o que compara com um decréscimo médio anual de -4,2% da produção automóvel na Europa.

Esta performance resulta da competitividade e fiabilidade continuamente demonstrada pela indústria junto dos clientes internacionais. Refira-se que 98% dos automóveis produzidos na Europa têm pelo menos um componente fabricado em Portugal, seja o tipo de motorização que tenham. A indústria portuguesa de componentes para automóveis propõe soluções aos clientes para dar forma à mobilidade do futuro, inteligente e com baixas emissões de carbono. Estamos a conseguir responder aos desafios dos nossos clientes, aos desafios do regulador, ao novo quadro concecional da mobilidade, a todo este novo desiderato. Porém não nos podemos equivocar: nem tudo depende das empresas! Se bem que as empresas têm investido há que esperar que exista um reforço do país para podermos ser mais competitivos e provarmos aos clientes que existe um esforço de modernizar infraestruturas, também de aumentar a qualificação como forma de aumentar de forma consistente a produtividade. O setor automóvel está a passar por grandes transformações. As novas tecnologias estão a transformar a indústria automóvel e a sua cadeia global de valor. Novas tecnologias tanto modernizam os processos pro-

ductivos como permitem o desenvolvimento de novos produtos, como, por exemplo, veículos elétricos ou autónomos. Outras grandes mudanças (como mudanças nas preferências dos consumidores e restrições mais rígidas ao impacto ambiental) estão a contribuir para esta transformação.

O papel da AFIA é, e será, acompanhar os fabricantes de componentes para automóveis, representá-los, defendê-los e ajudá-los a antecipar e gerir os desafios do dia-a-dia e preparar as empresas para o futuro. Nomeadamente na necessária transição dos modelos de negócio tradicionais para um novo modelo que atenda a preocupações ambientais, sociais e de boa governação, como é exemplo o ESG, Environment, Social & Governance, na sigla inglesa.

A indústria automóvel caracteriza-se por fortes efeitos estruturantes e multiplicadores em termos de desenvolvimento dos sectores a montante, elevados graus de cooperação entre as empresas e um importante relacionamento com universidades e centros de engenharia e I&D, alicerçado pelo apoio das suas Associações Sectoriais, esta convicção é corroborada pela Comissão Europeia ao propor, no documento Industrial Accelerator Act (IAA), a indústria de Componentes como veículo de indução ao processo de reindustrialização para a recuperação produtiva em termos competitivos dos países da EU. Crescendo ao favorável comportamento do mercado nacional e internacional há as oportunidades derivadas das tendências de evolu-

ção tecnológica do automóvel como a limitação de emissões, a condução autónoma e o aumento da conectividade. Estas tendências criam janelas de oportunidade para a indústria automóvel em Portugal. É neste quadro que a AFIA está em contacto permanente com todas as entidades que têm poder para influenciar o sector, sensibilizando-as para estas realidades e incentivando-as no sentido das intervenções possíveis e desejáveis.

Para um país que, tendo em conta a sua dimensão, tem feito um percurso de valorização da indústria, consideramos que era fundamental que, as entidades públicas em coordenação com as privadas, desenhassem um plano de contacto com todos os construtores de automóveis e com os grandes fornecedores/integradores internacionais de componentes (os "Tier 1") para captar os seus projetos e investimentos. O que se pode antecipar é que vamos ter no curto e médio prazo um ambiente altamente competitivo, onde o Made in Europe dá-nos uma visão para objetivos de incorporação de componentes, dá orientação para a origem europeia do "produto". Subjacentemente devíamos promover a imagem do país no exterior com vista à captação de mais investimento estrangeiro, com particular enfoque na necessidade de atrair um novo construtor automóvel para estabelecimento de uma nova linha de montagem. Aquela teria um elevado impacto de alavancagem para toda a indústria de componentes automóveis. //

# Estratégia, Talento e Inovação: O Setor da Construção em 2026



**Manuel Reis Campos** | PRESIDENTE DA AICCOPN  
ASSOCIAÇÃO DOS INDUSTRIAIS DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS

O setor da construção entra em 2026 num contexto de crescimento sustentado, porém exigente. As projeções da AICCOPN apontam para uma expansão média de 4,4% do Valor Bruto da Produção (VBP), acima do ritmo previsto para o PIB nacional (2,2%). Esta dinâmica é impulsionada pela engenharia civil, cujo crescimento foi estimado entre 4,3% e 6,7%, e ainda pela resiliência do segmento residencial, cujo número de fogos em construções novas licenciados aumentou 20,1%, em 2025.

Persistem, contudo, riscos relevantes. O investimento público deverá atingir 3,8% do PIB, mas o final do ciclo do PRR exige uma transição célere para as verbas do Portugal 2030. A este enquadramento soma-se a volatilidade geopolítica, que continua a pressionar as cadeias de valor e poderá vir a refletir-se nos preços das matérias-primas e da energia.

É precisamente neste contexto de maior exigência que a diversificação geográfica assume particular relevância estratégica. A internacionalização das empresas portuguesas tem-se consolidado de forma consistente. Em 2024, o volume de negócios externo atingiu um novo máximo de

7.145 milhões de euros, confirmando a maturidade do setor. Neste contexto, o acordo MERCOSUL abre um horizonte estratégico num mercado de 270 milhões de consumidores, onde Portugal beneficia de proximidade cultural e linguística com o Brasil. A abertura dos mercados de contratação pública do bloco permite às empresas portuguesas concorrer em igualdade de condições em grandes projetos de infraestruturas, transportes e energia, com maior previsibilidade e segurança jurídica. Não obstante, sustentar esta expansão exige aposta contínua na inovação e na sustentabilidade como fatores diferenciadores.

Internamente, a sustentabilidade do crescimento depende da valorização do capital humano. Num cenário de transformação digital e transição climática, o setor enfrenta o desafio de colmatar uma carência estimada entre 80 e 90 mil profissionais. Ainda assim, 2025 evidenciou sinais positivos, com o índice de emprego a crescer 2,5% e o das remunerações a aumentar 8,8%, face a 2024. A experiência das gerações mais experientes deve articular-se com novas competências digitais, consolidando equipas plurigeracionais e mais produtivas. A cooperação entre

empresas e sistema educativo será decisiva para converter talento em valor acrescentado.

A modernização do setor passa também pela incorporação estratégica de tecnologia. A Inteligência Artificial (IA) assume impacto transversal, do planeamento de obra à eficiência energética. Embora os estudos apontem maiores ganhos potenciais no imobiliário, na construção o verdadeiro impacto reside na digitalização de processos e na utilização estruturada de dados. A IA permite otimizar projetos, reduzir desperdícios e apoiar decisões mais informadas, devendo funcionar como um acelerador da capacidade das equipas. 2026 será, assim, um ano determinante para o posicionamento estratégico do setor. Num contexto de transição económica, digital e climática, a construção e o imobiliário têm condições para afirmarem-se como um verdadeiro pilar de competitividade nacional. Com uma correta articulação entre investimento público, qualificação de recursos, internacionalização e inovação tecnológica, a fileira poderá continuar a desempenhar um papel central na modernização do país, na criação de emprego qualificado e na geração de valor acrescentado sustentável. //

**STET**    
A TESYA COMPANY

8 DEZEMBRO 1961

UMA HISTÓRIA CONSTRUÍDA  
POR PESSOAS

800 206 707 (grátis)

apoioclientes@stet.pt

WWW.STET.PT



# Mobilizar o METAL PORTUGAL



**Mafalda Gramaxo** | DIRETORA GERAL DA AIMMAP  
ASSOCIAÇÃO DOS INDUSTRIAIS METALÚRGICOS, METALOMECÂNICOS E AFINS DE PORTUGAL

## Riscos para 2026

Entramos em 2026 com um quadro misto: carteiras de encomendas ainda sólidas em várias fileiras, mas com volatilidade geopolítica elevada. A economia global continua a enfrentar choques macroeconómicos com consequências ainda imprevisíveis. Há toda uma nova “ordem” de comércio internacional e estamos a passar de um paradigma de globalização, para um paradigma de protecionismo. É fundamental que a política europeia saiba equilibrar as políticas económicas de forma a proteger a indústria interna face aos seus principais concorrentes, que estão neste momento com políticas protecionistas muito completas e assertivas. O setor está preparado, mas requer previsibilidade e instrumentos competitivos.

## Exportação e crescimento

A resposta passa por três aceleradores: Produtividade, Diferenciação e Investimento e Escala. As empresas têm feito um caminho notável no capítulo da inovação, formação, automação e escalada na cadeia de valor. Além disso contam com o apoio da AIMMAP em várias áreas, nomeadamente na internacionalização, com um plano de ação anual robusto, composto por iniciativas de diversas naturezas como a promoção de participações coletivas em grandes certames internacionais, missões empresariais, sessões de partilhas de experiências de internacionalização, entre tantas outras.

Mas para que tudo isto seja potenciado, temos de exigir que o governo e as entidades públicas não sejam eles próprios um custo de contexto, funcionem de forma ágil e célere. É também fundamental que os instrumentos financeiros de apoio sejam



os adequados, e não penalizem por exemplo a dimensão das empresas, constituindo dessa forma um estímulo ao não crescimento.

## Recursos humanos

Sem pessoas, não há indústria 4.0. Aliás, sem pessoas não há indústria. Precisamos de um pacto para o talento: rotas rápidas de qualificação técnica (cursos intensivos e modulares), maior aposta nos centros de formação profissional, do qual o CENFIM é um exemplo, mais parcerias com escolas e politécnicos, e requalificação contínua em competências digitais, de soldadura avançada, manutenção preditiva entre outras. É crucial valorizar as carreiras industriais com progressão transparente, salários competitivos e ambientes de trabalho seguros e inclusivos. Atrair jovens e reconverter profissionais é estratégico; e simplificar a contratação internacional onde fizer falta também. Portugal não pode desperdiçar talento: cada trabalhador é um diferencial competitivo com conhecimento capitalizado.

## Aposta na IA

A Inteligência Artificial deixou de

ser promessa para se tornar uma realidade atual. No setor metalúrgico e metalomecânica, a IA já otimiza planeamento de produção, previsão de procura, inspeção de qualidade por visão computacional, manutenção preditiva e orçamentação técnica. É, portanto, um veículo que está a impulsionar o que referi acima no que se refere à criação de funções profissionais mais atrativas e mais bem remuneradas. Capacitar equipas de engenharia e operações para trabalhar com IA é tão importante quanto o software. Com IA, dados e talento, o sector pode produzir com mais precisão, menor consumo e maior resiliência – competindo no mundo a partir de Portugal. A AIMMAP continuará a mobilizar o METAL PORTUGAL, a defender condições equitativas de competição e a apoiar as empresas neste mundo em constantes desafios e choques disruptivos. 2026 será o ano de executar com foco: investir onde cria vantagem, formar para elevar produtividade e internacionalizar com ambição e a certeza que o METAL PORTUGAL apresenta qualidade e valor acrescentado em todas as portas onde entra. //

# Indústria do vidro de embalagem é pilar essencial da economia



**Tiago Moreira da Silva** | PRESIDENTE DA AIVE  
ASSOCIAÇÃO DOS INDUSTRIAIS DE VIDRO DE EMBALAGEM

**A indústria do vidro** de embalagem é um pilar essencial da economia e das cadeias exportadoras portuguesas e europeias, do vinho à alimentação e à cosmética. Num contexto de custos energéticos elevados e crescente pressão regulatória, é fundamental assegurar condições de competitividade que permitam às empresas continuar a investir, inovar e criar emprego, enquanto contribuem para a balança comercial portuguesa.

Esta indústria desempenha também um papel vital na disponibilização de embalagens saudáveis, de uso único ou reutilizáveis, mas sempre infinitamente recicláveis, para setores-chave europeus que representam mais de 140 mil milhões de euros em exportações da União Europeia por ano, cerca de 6% do total das exportações europeias. Setores como o vinho, as bebidas espirituosas, a alimentação premium, a cosmética e o farmacêutico dependem fortemente deste material de embalagem. Portugal, enquanto exportador relevante de vinho, azeite, conservas e outros produtos alimentares de valor acrescentado, integra estas cadeias

de valor europeias. A redução da capacidade produtiva no setor do vidro poderá, segundo a FEVE, aumentar a pressão sobre custos e comprometer a competitividade internacional destas indústrias.

Contudo, atualmente, a indústria europeia do vidro enfrenta uma forte pressão estrutural. Os custos energéticos na Europa continuam significativamente acima dos registados noutras regiões concorrentes. A este fator soma-se o agravamento dos encargos associados ao Sistema de Comércio de Licenças de Emissão da União Europeia (EU ETS). Com a atualização prevista dos referenciais de emissões em 2026, algumas empresas poderão enfrentar um aumento substancial dos custos relacionados com o CO<sub>2</sub> já no próximo ano. O setor defende que choques súbitos desta natureza podem comprometer investimentos em modernização e descarbonização. Não existe uma Europa resiliente, segura ou forte sem uma indústria europeia forte. O setor do vidro de embalagem está plenamente empenhado em concretizar as ambições europeias em matéria de clima e



economia circular, e estamos a investir significativamente em tecnologias de descarbonização. Contudo, a indústria não pode assegurar esta transição sozinha. Os líderes da UE devem agir já para reduzir os custos da energia e do carbono, acelerar o desenvolvimento das redes e simplificar o enquadramento regulamentar". O setor europeu do vidro de embalagem emprega diretamente cerca de 50 mil trabalhadores e sustenta mais de 850 mil empregos ao longo da sua cadeia de valor alargada. No conjunto, a produção de embalagens de vidro e as indústrias que utilizam este material geram um volume de negócios superior a 300 mil milhões de euros, equivalente a cerca de 1% da produção industrial da União Europeia.. //



Porto de Setúbal

Um lugar único, onde a Sustentabilidade impulsiona a Inovação.

[portodesetubal.pt](http://portodesetubal.pt)



# Conservas de peixe portuguesas: Qualidade, inovação e segurança alimentar



**José Maria Freitas** | PRESIDENTE ANICP  
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS INDUSTRIAIS DE CONSERVAS DE PEIXE

O setor das conservas de peixe é um dos exemplos mais consistentes da capacidade da indústria portuguesa em combinar tradição, inovação e uma forte vocação exportadora. Com uma presença internacional consolidada, o setor continua a afirmar-se como um contributo relevante para o crescimento económico e para a projeção de Portugal nos mercados externos.

Olhando para 2026, o contexto exige realismo e capacidade de adaptação. Vivemos num ambiente marcado por grande incerteza, tanto a nível nacional como internacional, o que obriga as empresas a uma gestão cada vez mais prudente e estratégica. Entre os principais receios estão a instabilidade geopolítica, a volatilidade dos preços das matérias-primas, os custos energéticos e a crescente exigência regulatória, em particular nas áreas ambiental e da sustentabilidade. A estas preocupações junta-se um desafio estrutural para o setor: garantir o acesso sustentável e regular aos recursos necessários.

Apesar deste enquadramento exigente, o setor encara o futuro com confiança. As conservas de peixe portuguesas são reconhecidas pela sua qualidade, segurança alimentar e capacidade de inovação. Esse reconhecimento é um ativo que temos de continuar a valorizar.

A capacidade exportadora continuará a ser decisiva para o crescimento do setor. Reforçar a competitividade passa por investir na diferenciação, na inovação de produtos, no reforço das marcas, no design e numa comunicação mais eficaz do valor acrescentado associado às conservas portuguesas. Esse caminho tem sido trilhado através



de uma forte aposta na inovação gastronómica, com o desenvolvimento contínuo de novas espécies em lata—que hoje já ultrapassam as 36, para além das tradicionais sardinha e atum e que incluem propostas como polvo, pescada, truta ou mexilhão, entre outras. A par disso, destaca-se a criação de molhos de cobertura cada vez mais criativos e apelativos, inspirados na gastronomia portuguesa e internacional, pensados para responder a novos hábitos de consumo e conquistar públicos mais variados.

A diversificação de mercados e o reforço da presença nos destinos tradicionais continuam a ser estratégicos, sem descurar o mercado nacional, que permanece fundamental. É essencial que, no momento de compra, os consumidores escolham conservas portuguesas e que se continue a investir nos mais jovens, futuros consumidores e excelentes embaixadores da qualidade, autenticidade e inovação do setor. Nas nossas fábricas, as pessoas são, e continuarão a ser, o verdadeiro motor

do crescimento. A atração, qualificação e requalificação de profissionais é um desafio central. Portugal não pode desperdiçar talento. É fundamental valorizar as carreiras industriais, investir na formação contínua e criar condições que tornem o setor atrativo para as novas gerações.

Por fim, a Inteligência Artificial assume-se como uma aposta estratégica com impacto crescente em toda a cadeia de valor, desde a eficiência produtiva à logística, ao controlo de qualidade e ao apoio à decisão. A sua adoção responsável permitirá ganhos relevantes de produtividade, sustentabilidade e competitividade. A tecnologia deve complementar o conhecimento e a experiência das pessoas, ajudando as empresas a tomar melhores decisões. O setor das conservas de peixe está preparado para continuar a evoluir, combinando tradição e futuro, e para contribuir de forma consistente para o crescimento económico e para a afirmação internacional da indústria portuguesa. //

# A pedra portuguesa e a medida do futuro



**Francelina Pinto** | DIRETORA GERAL DA ANIET - ASS. NAC. DA INDÚSTRIA EXTRATIVA E TRANSFORMADORA

**Há setores que ajudam** a compreender um país melhor do que muitos discursos. A pedra natural é um deles. Nela cruzam-se território, indústria, cultura do trabalho, vocação exportadora e permanência. Portugal é, hoje, o 7.º maior produtor mundial de pedra natural; em 2023 o setor gerou 1,2 mil milhões de euros, assegurou cerca de 14 mil empregos diretos e exportou 488 milhões de euros.

É certo que, em 2024, as exportações desceram para 470,1 milhões de euros, mas o preço médio por tonelada subiu 4,7%, indiciando uma evolução que importa cristalizar: menos dependência do volume, maior criação de valor.

É com esse ensejo que devemos ler 2026, ano particularmente complexo e de agravamento do risco externo. À guerra na Ucrânia somam-se as novas tensões político-militares no Médio Oriente e os seus efeitos nocivos sobre a energia, transportes, cadeias logísticas e a confiança dos mercados. Para uma atividade intensiva em extração, transformação e expedição, o impacto é direto.

Os constrangimentos não são, porém, apenas geopolíticos e externos: no plano doméstico, persistem morosidades no licenciamento, excesso de burocracia e dificuldades em ampliar capacidade produtiva com previsibilidade. Ignorar estes fatores seria imprudente; resignarmo-nos a eles seria pior.

A resposta não pode, por isso, cingir-se à prudência defensiva. Tem de traduzir-se em ambição organizada. A ANIET tem defendido, com consistência, uma estratégia de internacionalização assente na qualificação da

oferta, na inovação, no design, na tecnologia, na sustentabilidade e no conhecimento dos mercados. Porque representa uma fileira com mais de mil milhões de euros em exportações e mais de 14 mil postos de trabalho diretos, sendo cerca de metade desse valor assegurado pela pedra natural. Exportar, neste contexto, não é apenas vender fora: é elevar reputação, consolidar presença e transformar recurso em prestígio económico.

A verdadeira singularidade da pedra portuguesa não radica, porém, só na excelência geológica. Reside, outrossim, nas pessoas. No saber acumulado, na precisão do gesto, na inteligência técnica que lê a matéria e a converte em obra. O envolvimento de calcário português na reconstrução da catedral de Notre-Dame, em Paris, foi, a esse respeito, paradigmático, ao consubstanciar o reconhecimento de uma competência. Portugal não pode desperdiçar esse talento, nem pode continuar a tratar a qualificação e a requalificação como apêndice das políticas públicas. Sem valorização do ensino profissional, sem formação especializada e sem renovação geracional, não haverá setor robusto, por melhor que seja o recurso.

De igual modo, também a Inteligência Artificial deve ser entendida sem deslumbramento nem atrasos nem como ornamento retórico da modernidade, mas antes como instrumento de produtividade, eficiência energética, redução de desperdício, otimização de cortes, rastreabilidade e articulação entre projeto, fábrica e obra. O setor quer modernizar-se com método e alcance, incluindo a criação de emprego qualificado.



Antoine de Saint-Exupéry escreveu, na sua obra *Citadelle* (1948), que “a pedra não tem esperança de ser outra coisa que não pedra. Mas, ao colaborar, ela congrega-se e torna-se templo”. Talvez seja esta a melhor imagem para o que está em causa. Quando unida ao talento, à tecnologia e a uma visão estratégica, a pedra portuguesa deixa de ser apenas matéria: torna-se economia, identidade e futuro.

A ANIET - Associação Nacional da Indústria Extrativa e Transformadora, constituída em 1975, é a associação empresarial e de utilidade pública, que no âmbito extrativo e transformador representa os três subsectores: Rochas Ornamentais, Rochas Industriais e Minerais Industriais (Metálicos e Não Metálicos). //

# Pedra portuguesa:

## Superar desafios internos para vencer globalmente



**Célia Marques** | VICE-PRESIDENTE EXECUTIVA DA ASSIMAGRA  
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DA INDÚSTRIA DOS RECURSOS MINERAIS

O setor da pedra natural portuguesa, sustentado por um tecido de PME fortemente exportador, é um pilar incontornável da nossa economia. Em 2024, as exportações atingiram 470M€, posicionando Portugal como o 7.º maior exportador mundial, com um VAB de 815M€ e saldo da balança comercial de cerca de 600%. São números que nos orgulham, mas que não podem mascarar as fragilidades. Para continuarmos a crescer, precisamos de um olhar honesto sobre as nossas vulnerabilidades e de uma estratégia assertiva para as superar.

### Riscos para 2026

Encaramos 2026 com uma dupla frente de receios. Internamente, o maior entrave à nossa competitividade é a elevada carga regulatória e a morosidade nos processos de licenciamento. Sendo um setor que depende do recurso mineral e da sua localização, não temos a flexibilidade de deslocalizar a produção. A demora na aprovação de licenças imobiliza investimento e sufoca a nossa capacidade de resposta. Com a revisão da lei das pedreiras prevista para 2026, o risco é real: complicar ainda mais estes processos pode asfixiar o setor.

Externamente, a instabilidade geopolítica e a volatilidade dos mercados persistem, agravadas por disrupções logísticas. A isto soma-se um paradoxo regulatório: enquanto as empresas na UE suportam exigências crescentes (conformidade, reporte e certificações), competem com importações de baixo custo da Índia e China que não enfrentam os mesmos padrões, criando uma concorrência assimétrica e pressionando margens e investimento. Complementarmente, as calamidades

climáticas expuseram a fragilidade das nossas infraestruturas de energia e comunicações, representando um risco sistémico para a continuidade operacional. Perante esta conjugação de pressões, 2026 tem de ser o ano de uma transformação estratégica profunda — em Portugal e também à escala europeia.

### Exportação e crescimento

A resposta é clara: valorização, diferenciação e união. Não podemos competir no preço, temos de competir no valor que acrescentamos aos nossos produtos — e temos uma vantagem que precisamos de comunicar melhor: a pedra natural tem uma pegada ambiental inferior à dos produtos concorrentes. Levar esta mensagem aos consumidores e prescritores, influenciando a escolha na origem do projeto, é tão importante como diversificar mercados e elevar a maturidade digital.

Atualmente, mais de 70% das nossas exportações são de produtos transformados, de maior valor acrescentado, um testemunho da nossa capacidade de resposta aos 125 mercados para onde exportamos. Mas queremos ir mais longe. O objetivo é cooperar entre empresas para alcançar projetos cada vez mais impactantes no mundo e aumentar o volume de negócios internacional das PME em pelo menos 15% até 2029 — não por vendermos mais, mas por vendermos melhor.

Para concretizar esta trajetória, precisamos de estabilidade e previsibilidade nos mercados e nas cadeias logísticas mas sobretudo, de condições internas — processos de licenciamento ágeis que não travem investimento, inovação e resposta ao cliente.

### Recursos humanos

Esta aposta na valorização só é possível tendo as pessoas como motor de crescimento. A nossa indústria é um pilar de coesão social e territorial, e o investimento na qualificação dos nossos mais de 14.000 colaboradores é a garantia do nosso futuro. A transição para soluções de maior valor acrescentado e a digitalização exigem novas competências. O desafio é requalificar os atuais trabalhadores e atrair novo talento, demonstrando que a indústria da Pedra Natural é um setor sofisticado, tecnológico e com uma carreira de futuro.

### Aposta na IA

A utilização de ferramentas de Inteligência Artificial é, hoje, incontornável e pode ser o verdadeiro “salto” competitivo para o setor. Em conjunto com outras tecnologias digitais, a IA permitirá otimizar a produção, melhorar a manutenção preventiva e a disponibilidade dos equipamentos, reforçando o controlo da qualidade. Do lado comercial, ajuda a ler mercados, identificar oportunidades, apoiar previsões de procura e acelerar a resposta a clientes, tornando mais fácil competir em segmentos onde contam a fiabilidade, a rapidez e a capacidade de personalização. Contudo, esta transformação não pode acontecer de forma isolada. O setor precisa de um ecossistema de inteligência e tecnologia que funcione como catalisador, unindo empresas, universidades e centros de investigação para acelerar a transição digital de toda a fileira. É através da tecnologia que conseguiremos ser mais eficientes e competir, não em custo, mas em inteligência e valor acrescentado. //

# PT Carbon Link:

## Implementação da captura, transporte e armazenamento de carbono (CCS)

ATIC - ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIMENTO

**A Associação Portuguesa** de Cimento (ATIC) iniciou o exercício de 2026 com a apresentação do estudo “PT Carbon Link: Implementação da Captura, Transporte e Armazenamento de Carbono (CCS)”.

A descarbonização é uma prioridade estratégica do setor, que continua comprometido com a concretização dos objetivos definidos no Roteiro da Indústria Cimenteira para a Neutralidade Carbónica em 2050.

### O Futuro da Indústria Cimenteira: PT Carbon Link

O fabrico de cimento tem inerentes emissões de processo, associadas à transformação química do calcário, para as quais a CCS se apresenta como única solução. Acresce que, com o aumento do preço do carbono e a diminuição prevista das licenças do Comércio Europeu de Licenças de Emissões, poderá tornar-se impossível operar sem CCS até 2040.

Neste sentido, a Indústria Cimenteira tem vindo a realizar investimentos significativos para promover a captura de CO<sub>2</sub> nas suas instalações. É essencial que se verifiquem desenvolvimentos a jusante, em matéria de implementação e regulamentação de infraestruturas de transporte e armazenamento de carbono, colmatando uma necessidade partilhada pelas indústrias hard to abate, que incluem sectores-chave como a cal, a incineração de resíduos, o vidro e a pasta e o papel.

Para dar resposta a este desafio, o PT Carbon Link propõe uma rede de aproximadamente 680 km de gasodutos, idealizada para cobrir e facilitar o acesso aos principais emis-



sores industriais. A infraestrutura seria gerida num modelo de base de ativos regulamentada, com operação concessionada por 35 anos. É projetado um investimento de 2,2 mil M€ nos próximos 20 anos para rede de transporte e armazenamento, desenvolvido em três etapas: piloto, construção e expansão.

### Contexto atual da Indústria Cimenteira

As vendas de cimento ao nível nacional voltaram a crescer de forma ligeira em 2025, sendo exetável que o crescimento do consumo de cimento em 2026 continue potencialmente condicionado pela limitação na oferta de mão-de-obra para a atividade da construção. Cerca de 40% da produção das produtoras nacionais de cimento tem como destino o mercado externo, refletindo a sua competitividade.

A Indústria Cimenteira tem enfrentado a nível europeu a forte concorrência das importações de países terceiros - aumento nas importações para a Europa de produção de países não europeus superior a 450% entre 2016 e 2024, quando a capaci-

dade de produção local permanece subutilizada.

A estratégia de atuação do setor inclui investigação e inovação, digital e tecnológica, e também foco nas pessoas, atendendo a saúde, segurança e desenvolvimento dos colaboradores e aportando valor às comunidades envolventes, num contexto de cultura de governança baseada em ética e transparência.

### Conclusão

A CCS é a única opção viável para o cumprimento de metas climáticas nacionais e europeias, salvaguardando a competitividade da Indústria. Antecipam-se consequências socioeconómicas favoráveis, em áreas como o emprego e as exportações, e também em matéria de autonomia estratégica do país. A imprevisibilidade geopolítica e a instabilidade dos mercados, aumentam a responsabilidade dos decisores e dos agentes económicos, no sentido de providenciar infraestruturas vitais em tempos de incerteza. É neste enquadramento que a ATIC posiciona o PT Carbon Link como contributo robusto para a neutralidade carbónica. //

# Marcas precisam de um mercado interno europeu funcional



**Pedro Pimentel** | DIRETOR GERAL DA CENTROMARCA  
ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EMPRESAS DE PRODUTOS DE MARCA

## Riscos para 2026

O setor encara 2026 com cautela. Persistem riscos relevantes associados à instabilidade geopolítica, ao abrandamento da economia europeia e à volatilidade dos custos de produção, energia e matérias-primas. Soma-se uma pressão regulatória crescente, muitas vezes sem avaliação de impacto económico, que compromete a capacidade de investimento das empresas. O maior receio é a perda de competitividade das marcas, com efeitos diretos na inovação, no emprego qualificado e na criação de valor.

## Exportação e crescimento

É essencial garantir estabilidade fiscal, previsibilidade regulatória e redução de custos de contexto. A competitividade constrói-se com inovação, escala e proteção da propriedade intelectual. Para exportar mais e melhor, as marcas precisam de um mercado interno europeu funcional, sem barreiras artificiais, e de políticas públicas que apoiem efetivamente a internacionalização. Sustentar o crescimento implica criar condições para investir, diferenciar e competir em igualdade com outros mercados.

## Recursos Humanos

As pessoas são o principal ativo das empresas. Portugal não pode continuar a desperdiçar talento. É fundamental alinhar o sistema educativo com as necessidades do mercado, investir na qualificação e requalificação contínuas e reforçar a ligação entre empresas, ensino e ciência. Reter talento exige salários ajustados à



produtividade, perspectivas de carreira, estabilidade e um ambiente empresarial que valorize o mérito, o conhecimento e a inovação.

## Aposta na IA

A inteligência artificial é uma aposta estratégica com impacto transversal na competitividade. Pode aumentar

produtividade, melhorar processos e apoiar decisões, mas exige investimento, talento qualificado e um enquadramento regulatório equilibrado. A adoção da IA deve ser responsável e centrada nas pessoas, garantindo que a inovação tecnológica se traduz em valor económico, crescimento sustentável e reforço das marcas. //

# Reduzir custos fixos e reforçar a autonomia financeira



DIREÇÃO DA CPPME – CONFEDERAÇÃO PORTUGUESA DAS MICRO, PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

## Riscos para 2026

O ano de 2026 está a trazer desafios importantes para as Micro, Pequenas e Médias Empresas. O Orçamento do Estado voltou a não acolher as propostas da CPPME — destinadas a reduzir custos fixos, mitigar encargos e reforçar a autonomia financeira.

A perda de poder de compra dos portugueses continua a penalizar as MPME, dependentes de uma procura interna saudável. A reforma laboral proposta pelo Governo, afasta-se das necessidades urgentes das empresas, tentando ser uma narrativa paralela. E, a tudo isto, somam-se:

1. Os embargos/tarifas da UE às importações russas que alimentam um movimento de concorrência desleal para todo o mercado;
2. A destruição provocada pelos fogos de agosto de 2025, onde 63% das candidaturas dos lesados (muitos MPME) — quase seis mil — continuam por pagar, segundo os relatórios das CCDR de há um mês;
3. A calamidade deixada pelo comboio de tempestades, em janeiro passado, que destruiu parte significativa dos tecidos económicos regionais, volta a ter como resposta a burocracia no acesso aos apoios — é residual o financiamento realizado, linhas de crédito para mais endividamento e sentimento de abandono do poder central;
4. As tarifas globais dos EUA que já anularam as metas do Governo para o volume de exportações;
5. A guerra de Israel e EUA contra o Irão que está a fazer disparar os preços das energias para máximos de 40 anos, e com o Ministro das Finanças já a admitir déficit em 2026.

Mas o principal problema, e a nossa grande preocupação, é que o Go-

verno, quer pelo que fez até agora quer pelo que anuncia, vai continuar centrado e a gastar o grosso da sua energia (fundos públicos e recursos humanos) com as grandes empresas e o capital estrangeiro, sem responder às MPME, a base principal da economia portuguesa!

## Exportação e crescimento

Não basta ter disponíveis apoios para a expansão internacional, a criação de marcas, registo internacional ou participação em feiras, como os que existem no âmbito dos fundos 2030. O Investimento na qualificação é fundamental a par da redução da burocracia, com políticas que simplifiquem o quadro regulamentar, facilitando o investimento e a operação diária, que visem beneficiar as MPME e não os grandes grupos económicos.

Criar relações transfronteiriças é um caminho a trilhar que em muito pode contribuir para o desenvolvimento das regiões e do tecido empresarial dinamizando atividades de promoção e valorização dos recursos endógenos e promovendo parcerias que potenciem a atividade económica e a promoção turística dos concelhos. Melhorar a competitividade significa mais produtividade e redução dos custos operacionais! Ou seja, criar condições para um aumento adequado do investimento empresarial (mais capital por trabalhador) e a contenção, e mesmo a redução dos brutais custos dos principais fatores de produção - energia (combustíveis e eletricidade), telecomunicações, serviços bancários, etc.

## Recursos Humanos

As pessoas são um fator central do crescimento económico, pelo que a qualificação e requalificação da popu-

lação assumem um papel fundamental no desenvolvimento de Portugal. Num contexto de transformações tecnológicas e económicas, é essencial investir na educação, na formação profissional e na aprendizagem ao longo da vida.

Portugal não pode desperdiçar o potencial dos seus recursos humanos, sendo necessário criar condições para que os trabalhadores desenvolvam as suas capacidades e contribuam para um crescimento económico mais sustentável e inclusivo.

Mas é bom que não se esqueça, como fator decisivo do crescimento económico, o investimento público. Ora este, como anteriores governos, continua a sufocar o investimento público, não cumprindo, em anos sucessivos, sequer o que anualmente inscrevem nos orçamentos de Estado.

## Aposta na IA

A IA e a digitalização são inevitáveis. A modernização administrativa é necessária. Mas o modo como as implementamos fará toda a diferença. Importa perguntar: para quem estão desenhadas? São acessíveis a uma microempresa de três trabalhadores numa vila do interior? São compreensíveis para um empresário com décadas de experiência no seu setor, mas com reduzidas competências digitais? Precisamos de programas públicos de formação em competências digitais básicas e avançadas, adaptados à realidade das microempresas. Formação orientada para problemas concretos: faturação, gestão de stocks, comércio eletrónico, cibersegurança, proteção de dados.

Se falharmos nesta dimensão, aprofundaremos desigualdades: entre litoral e interior, entre empresas maiores e menores, entre territórios dinâmicos e territórios em declínio. //

# Capacitar o tecido industrial do setor e sustentar o crescimento



**Mário Rio Carvalho** | VOGAL DIREÇÃO DA ANEME  
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS EMPRESAS METALÚRGICAS E ELETROME CÂNICAS



## Riscos para 2026

As expectativas da ANEME relativas ao ano 2026 têm, agora em março de 2026, uma visão mais pessimista decorrente dos eventos climáticos que Portugal continental sofreu nas primeiras semanas deste ano. À conjuntura internacional externa e adversa juntou-se o efeito devastador, em zonas fortemente industrializadas como o distrito de Leiria. O tecido industrial português enfrenta ameaças sérias que exigem respostas também institucionais e de políticas públicas, destacamos as seguintes:

- Instabilidade política internacional e a necessidade de ajustamento europeu ao novo posicionamento dos EUA. Esta instabilidade consubstanciou-se inicialmente nas errática política de tarifas norte americana e mais recentemente nas políticas, de natureza protecionista, europeias para matérias-primas que impactam fortemente o débil tecido industrial europeu e ainda mais fortemente o muito débil tecido industrial português;
- Uma segunda questão, esta de impacto ainda mais direto, prende-se com a enorme escassez de mão de

obra também para as áreas industriais, seja ela especializada/ qualificada ou de menor qualificação. As necessidades de mão de obra cobrem todo o tipo de trabalhadores e são, neste momento, um desafio existencial para as empresas. Só há desenvolvimento com um mercado de mão de obra com um mínimo de estabilidade laboral. O "ruído" permanente das mais variadas entidades institucionais, sejam elas quais forem, não ajuda a quem todos os dias tem de lidar com a escassez, por via dessa escassez com

a sobrevalorização de muitos recursos e a perspectiva de não poder fazer crescer o seu negócio porque pura e simplesmente não tem recursos suficientes para o fazer. As entidades públicas e muitos parceiros sociais tardam em entender este facto;

- Uma terceira questão prende-se com os acontecimentos das últimas semanas em Portugal. A zona centro, com especial impacto, nos distritos de Leiria, Coimbra, mas também Aveiro e Santarém, foi fortemente impactada pelas recentes tempestades e subseqüentes inundações. Estes distritos, e particularmente o distrito de Leiria são polos industriais altamente relevantes contribuindo significativamente para o PIB nacional.

A grande preocupação da ANEME é ajudar as empresas para que sobrevivam a mais este evento, recordamos que há muitas empresas ainda a suportar créditos COVID, e se mantenham em laboração. Há um perigo real, que está longe de ser acautelado pelas medidas atualmente implementadas, de se dar um colapso no tecido industrial português pela incapacidade das empresas retomarem atividade rapidamente evitando a perda da sua exigente carteira de clientes, predominantemente internacional.

#### **Exportação e crescimento**

A grande questão que decorre das respostas à questão anterior tem a ver com a capacidade do tecido industrial do setor de sustentar o crescimento. Empresas fortemente endividadas e sem capacidade de crescimento por falta de financiamento não serão competitivas nos mercados de exportação. Pensamos que,

em vários dos subsectores da nossa atividade se desenvolverão, no curto prazo, processos de reestruturação e aglutinação que poderão resultar em aumentos de competitividade, mas também em perda do controlo nacional sobre ativos estratégicos.

Mais uma vez o estado terá um papel mobilizador se conseguir consensos ou pelo menos apoio maioritário para reformas absolutamente inevitáveis, seja na área laboral, fiscal e na forma como as empresas são tratadas quando dão lucro. É absolutamente fundamental que, fiscal ou socialmente, as empresas não sejam penalizadas por gerarem lucros robustos. O robustecimento dos capitais próprios, a remuneração dos investidores ou o investimento em recursos humanos altamente qualificados só se fazem com empresas fortemente lucrativas e vigorosas.

#### **Recursos humanos**

Tem-se gerado a ideia de que os jovens portugueses saem de Portugal porque, essencialmente os salários são baixos. Tal facto é apenas uma pequena parte da realidade. A economia portuguesa qualifica e muitas vezes requalifica, o que não existe em Portugal é a dimensão e dinâmica de mercados suficiente para garantir o que chamamos "um mercado de oportunidades". Portugal não desperdiçará o seu talento se criar um "mercado de oportunidades". Da experiência das nossas empresas a remuneração, em Portugal fortemente condicionada por uma fiscalidade alta, ainda com taxas penalizadoras a partir de níveis baixos de remuneração e com uma progressividade que

não premeia o crescimento de salário, é um fator decisivo, mas a falta de dinâmica de mercado, de oportunidades de evolução e de desafios profissionais são, porventura, fatores muito mais decisivos para os jovens, muitos já nascidos no século XXI, e que abordam a Europa como um mercado único. .

Se o mercado crescer, for dinâmico, criar empresas (novas oportunidades) num contexto legal, laboral e fiscal e político estável e favorável, seguramente não se desperdiçará talento.

#### **Aposta na IA**

A IA tem sido impactante, "primeiro estranhou-se e depois entranhou-se" nas práticas do setor. Está ainda por demonstrar como conseguiremos utilizar a AI para ter aumentos significativos de produtividade nas empresas. A ANEME não considera que, nesta fase, e num país em situação de praticamente pleno emprego, a IA represente uma ameaça para o mercado de trabalho. Pelo contrário, para uma sociedade como a nossa em que se refere permanentemente a qualificação e valorização profissional como fatores essenciais para a competitividade, a sensorização, robotização, digitalização e utilização da IA são todos instrumentos de evolução na cadeia de valor absolutamente fundamentais para uma rápida evolução. No que respeita ao IA, o processo passa necessariamente por "profissionalizar" a sua utilização estabelecendo também limites e critérios para a aplicação de alguns dos seus resultados, que nem sempre são totalmente fiáveis, ainda para mais em áreas muito técnicas. //

**LISNAVE**  
Mais de 60 anos  
a proteger o ambiente



# Assegurar a ligação entre formação e competitividade



**Vítor Dias** | DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DO CENFIM  
CENTRO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA

## Riscos para 2026

Para enfrentar a incerteza futura, importa enquadrar o passado recente do setor, retirando pistas sem recorrer à futurologia.

Nos últimos cinco anos, a Metalurgia e Metalomecânica revelou elevada resiliência, mantendo níveis de produção e desempenho exportador, apesar de crises sucessivas — pandemia, crise energética e instabilidade geopolítica — com impactos, geradores de receios, seja das guerras e ainda da fragmentação do edifício enquadrador internacional, que criam receios geradores de incerteza e riscos.

Não obstante o referido receio da instabilidade geopolítica, esta pode ser geradora de oportunidades, nomeadamente da orientação da produção para o setor da defesa e domínios conexos, que, contudo, evidencia o risco, ou constrangimento, pela manifesta dificuldade em captar mão de obra qualificada a par de dificuldade de exportação para mercados significativos, por força das sobretaxas aplicadas com base na referida instabilidade geopolítica.

## Exportação e crescimento

Para assegurar a ligação entre formação e competitividade, o setor definiu uma estratégia preventiva centrada na capacitação em Tecnologias de Produção Inovadoras, através do projeto PRODUTECH R3 – Agenda Mobilizadora para a Reindustrialização. Esta iniciativa integra programas orientados para a transformação industrial, promovendo a transferência de I&D para novos produtos, serviços e tecnologias de produção, apoiando as empresas nos processos de inovação.

Em paralelo, o CENFIM mobilizou instrumentos do PRR para reforçar a sua capacidade formativa nos 14 Núcleos,

modernizando equipamentos e infraestruturas, com impacto na atualização da oferta e na competitividade industrial. A aposta incidiu no reforço tecnológico da formação, desenvolvendo competências em robótica industrial, automação, prototipagem rápida e CAD/CAM, áreas críticas para modelos produtivos de maior valor acrescentado, precisão tecnológica e sustentabilidade do perfil exportador do setor, mas o principal desafio não está só na oferta, mas, apostou também em novos modelos de formação, como adiante referenciado.

## Recursos Humanos

Sem pessoas não há crescimento, nem como fator de produção nem como consumidores. Por isso, o referido projeto PRODUTECH R3, também integra um eixo centrado na capacitação de recursos humanos e na atração de talento.

A qualificação e requalificação, são decisivas para o crescimento do setor e da economia, contudo, esta vertente da formação/capacitação, continua a enfrentar dificuldades de captação, questionando-se se o problema reside apenas na vontade dos formandos (ou falta dela) ou também na oferta de formação e metodologias pedagógicas e andragógicas.

Para tentar colmatar este problema da atração de formandos, o CENFIM está a alterar as suas metodologias de formação.

Assim, e a par do investimento tecnológico, o CENFIM lançou o projeto Técnica/MENTE, conciliando reforço técnico (vertente Técnica) com a mudança comportamental dos formadores (vertente MENTE).

O projeto Técnica/MENTE, aposta na Aprendizagem Baseada em Projetos

(PBL) como metodologia estruturante, colocando o formando no centro, reforçando a ligação ao mundo do trabalho e promovendo uma formação prática, colaborativa e orientada a resultados, equilibrando competências técnicas e transversais, com vista a maior motivação, sucesso e ligação às empresas, que poderá simultaneamente funcionar como retenção de talento, pois formação mais atrativa, cria competências mais integradas no mercado, podendo elevar o nível das empresas para outro patamar, tonando-as mais atrativas facilitando a necessária retenção de talento.

## Aposta na IA

Nas últimas décadas, o setor integrou os desafios da Indústria 4.0, incorporando soluções de digitalização como robótica industrial e colaborativa e IoT, de entre outras, já assentes em princípios próximos da IA, como a gestão de grandes volumes de informação.

A IA acrescenta novos desafios, sendo mais uma ferramenta adotada de forma gradual, ainda com reservas e desconhecimento do seu potencial, não obstante, tem sido explorada como resposta à escassez de mão de obra qualificada, sobretudo em contextos intensivos, e em aplicações como gestão de inventário, controlo de qualidade e prototipagem rápida.

Paralelamente, a indústria investe em aplicações mais avançadas, como aprendizagem automática e IA generativa, visando reforçar a competitividade e criar oportunidades de inovação e valor.

A IA é uma oportunidade quando integrada de forma gradual e consciente, sendo essencial reconhecer que o seu uso eficaz depende sempre da insubstituível, inteligência humana. //

# Fortalecer a capacidade formativa



**Domingos Lopes** | PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETIVO DO IEFP  
INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL



## Riscos para 2026

O ano de 2026 coloca ao setor do emprego e formação profissional um conjunto de desafios particularmente exigentes. A rápida transformação tecnológica, a instabilidade geopolítica e a pressão inflacionista continuam a influenciar decisões de investimento e a criação de emprego. Persistem receios relacionados com a desaceleração económica em alguns setores industriais e com a dificuldade de atrair e reter talento qualificado, sobretudo nas áreas tecnológicas, digitais e ambientais. Há igualmente riscos associados ao envelhecimento demográfico, que poderá limitar a reposição de competências e reduzir a capacidade produtiva, caso não sejam asseguradas respostas formativas ágeis e inclusivas.

## Exportação e crescimento

Para fortalecer a capacidade formativa, é indispensável consolidar um modelo de governance articulado entre Estado, empresas e entidades formadoras. A oferta deve ser conti-

nuamente atualizada, alinhada com dados de mercado e com previsões de necessidades futuras.

É fundamental investir na modernização pedagógica, digitalizar processos, ampliar o uso de simulação, laboratórios tecnológicos e soluções de aprendizagem híbrida. Só assim asseguramos escala e rapidez na qualificação. Adicionalmente, importa reforçar a rede de centros especializados, aproximar a formação das empresas e promover percursos flexíveis que valorizem a experiência acumulada dos trabalhadores.

## Recursos Humanos

Portugal não pode desperdiçar talento. Para garantir desenvolvimento sustentável, é essencial apostar em políticas ativas de capacitação que acompanhem cada fase da vida profissional. A reconversão de trabalhadores de setores em declínio para áreas emergentes, como transição verde, tecnologias digitais e serviços especializados, deve ser acelerada.

Devemos promover ambientes que

atraiam jovens, que reativem adultos afastados do mercado e que deem novas oportunidades a quem procura requalificação. O investimento em orientação, reconhecimento de competências e percursos formativos curtos e modulares é decisivo para manter Portugal competitivo.

## Aposta na IA

Sem dúvida. A Inteligência Artificial já influencia a forma como trabalhamos, produzimos e aprendemos. No sector da formação, a IA permite personalizar percursos, antecipar necessidades e garantir maior eficácia na gestão de competências.

Para o mercado laboral, representa ganho de produtividade, inovação e criação de novas profissões. Contudo, exige responsabilidade: preparar as pessoas para conviver com novas tecnologias, assegurar literacia digital e mitigar assimetrias no acesso ao conhecimento. A IA deve ser encarada não como substituta, mas como aliada estratégica na valorização das pessoas e na construção de um país mais competitivo. //

# Benefícios extrassalariais na indústria:

## Um acelerador de competitividade e crescimento sustentável



**A indústria enfrenta hoje** um duplo desafio: responder a um mercado cada vez mais tecnológico e competitivo, enquanto lida com a escassez de mão de obra qualificada e com a necessidade de manter o talento.

Os dados europeus confirmam esta tendência. O estudo da SD Worx, realizado em 16 países europeus, revela que o bem-estar dos colaboradores é o maior desafio das empresas, logo seguido da retenção de talento e, em terceiro lugar, do envolvimento e experiência dos trabalhadores. Estes números mostram claramente que os fatores extrassalariais têm hoje um peso determinante na competitividade das organizações, incluindo no setor industrial.

Paralelamente, vários relatórios internacionais têm vindo a sublinhar a urgência de reforçar práticas de bem estar. Segundo o State of the Global Workplace, 44% dos trabalhadores reportam níveis elevados de stress, a Organização Mundial da Saúde estima que os problemas de saúde mental custam 1 bilião de dólares/ano em produtividade perdida - um valor que afeta, de forma particularmente visível, setores exigentes como o industrial.

Mas não se trata apenas de reduzir custos. Um estudo publicado no European Journal of Public Health, baseado em dados da European Working Conditions Survey e que analisou 35.401 trabalhadores de 30 países europeus, demonstra uma associação estatisticamente signifi-

cativa e positiva entre equilíbrio trabalho-vida e níveis mais elevados de envolvimento e compromisso - um indicador particularmente relevante num setor como o industrial, marcado por turnos, operações contínuas e forte exigência física.

### RESPOSTA INTEGRADA ÀS NECESSIDADES DA INDÚSTRIA

A Edenred disponibiliza uma abordagem integrada ao bem-estar dos colaboradores, com soluções que podem ser aplicadas por qualquer empresa, independentemente da sua dimensão.

Com mais de 23 mil empresas clientes e de um milhão de utilizadores, a plataforma da Edenred reúne 9 benefícios e vantagens, ajustáveis à realidade de turnos, operações descentralizadas e diferentes perfis de equipas:

- Alimentação – cartão de refeição com isenção de IRS e Segurança Social até ao montante de 10,46€/dia, permitindo ao colaborador ter uma alimentação nutritiva e manter a flexibilidade de escolha.
- Apoio à infância e apoio sénior – apoio às despesas e responsabilidades familiares, muito valorizado por quem tem horários exigentes
- Educação e formação – essenciais num setor em constante evolução tecnológica
- Saúde e bem-estar – vitais para reduzir absentismo e salvaguardar o bem-estar em ambiente industrial
- Premiação – soluções que permitem

reconhecer os colaboradores e um Programa de Descontos e Vantagens com condições únicas em mais de cem marcas, para melhorar a qualidade de vida de todos.

A gestão destes benefícios pode ser realizada de forma simples no Portal Cliente, garantindo-se simplicidade operacional - uma vantagem clara para equipas de RH frequentemente reduzidas. Num setor onde cada euro conta, é ainda de destacar que, além de a plataforma da Edenred não ter custos por utilizador, os benefícios sociais estão associados a vantagens fiscais, permitindo uma maior otimização financeira.

A par do impacto interno, os benefícios sociais podem também reforçar a estratégia ESG das empresas industriais. A Edenred contribui para 12 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU, integrando práticas responsáveis e alinhadas com as expectativas de clientes, investidores e cadeias globais de abastecimento.

Num momento em que a indústria se transforma rapidamente, os benefícios extrassalariais assumem-se como uma ferramenta estratégica para atrair talento, promover bem estar e reforçar a competitividade. Ao oferecer soluções simples, flexíveis e com impacto real, a Edenred posiciona-se como um parceiro essencial para empresas industriais que pretendem crescer, inovar e construir equipas mais motivadas e resilientes. //

**O futuro da automação.**  
**Mais flexibilidade. Mais performance.**



**MOVIE-C® - O conceito modular para sistemas de automação.**

Com os quatro módulos integrados - software de engenharia, tecnologia de controlo, tecnologia de conversores e tecnologia de acionamentos - a SEW-EURODRIVE oferece um conceito otimizado para sistemas de automação a partir de um único fornecedor.

# Fundo PME 2026

**PROTEJA O SEU  
NEGÓCIO**



Proteja as suas marcas, desenhos ou modelos, invenções e variedades vegetais com Direitos de Propriedade Industrial.

**Obtenha apoio financeiro da UE**

**Proteja as suas ideias.  
Garanta o seu futuro.**

MAIS INFORMAÇÕES



 [inpi.justica.gov.pt/Apoio-as-PME](https://inpi.justica.gov.pt/Apoio-as-PME)